



UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

**Relatório da Atividade Profissional para a obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Comunicação, de acordo com a Deliberação n.º 37/2011, de 29 de
junho, do Conselho Científico**

Aluno: Anselmo José Ferreira Crespo

Orientador: Professor Doutor José Manuel Louzada Lopes Subtil

Este relatório foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico

Lisboa, Outubro de 2013

***Journalism is printing what someone else doesn't want printed.
Everything else is public relations.***

George Orwell

Agradecimentos

Aos meus pais, sem os quais nada faria sentido, nada seria o que é e a quem devo tudo.

À Débora que é o meu equilíbrio, que me preenche e me faz feliz.

Aos meus amigos e colegas da SIC que fazem de mim, todos os dias, melhor profissional.

À direção de informação da SIC pela confiança que deposita em mim.

A todos quantos se cruzaram no meu caminho e que, para o bem e para o mal, me tornaram no que sou hoje.

RESUMO

Este relatório de atividade profissional relata a o meu percurso de estudante universitário na Universidade da Beira Interior onde frequentei a licenciatura de Ciências da Comunicação entre 1998 e 2002. Prossegue depois para a carreira como jornalista que começou em órgãos de comunicação social regionais e evoluiu para a SIC, a estação nacional de televisão onde trabalho há mais de 10 anos. O relatório faz depois uma análise das licenciaturas que têm como saída profissional o jornalismo e da nova geração de profissionais que sai destas licenciaturas. O relatório pretende dar duas visões diferentes sobre o mesmo assunto: a visão do professor universitário, que ajuda a formar esta geração e a visão do profissional de televisão que acolhe e acompanha muitos estagiários de jornalismo. No sua conclusão, este relatório procura apontar pistas para uma discussão mais aprofundada sobre as bases e os fundamentos desta profissão, essencial numa democracia moderna e madura, como se pretende que seja a portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Relatório da Atividade Profissional, Ciências da Comunicação, Jornalismo, Formação Académica.

ABSTRACT

This professional activity report describes my career as a journalism student in Beira Interior University where I got my graduation in Communication Sciences from 1998 to 2002. Proceeds to my journalist career, first in regional media companies and later at SIC, a national television station where I've been working for more than ten years. This report makes an analysis of the journalism graduations in Portugal and the new generation of professionals that get out of this graduations. This report also underlines two different visions about the same subject: the journalism teacher perspective, as someone who helps to form this generation and the professional journalist vision that welcomes and leads a lot of journalism trainees. In conclusion, this report tries to find some clues for a deeper discussion about the bases and the fundamentals of this profession, essential to a modern and mature democracy, as I think we all want the portuguese democracy to be.

KEYWORDS: Professional activity report, Communication Sciences, Journalism, academic graduation.

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

3D – Três Dimensões

ADN - Ácido Desoxirribonucleico

AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal

AIP – Associação Industrial Portuguesa

BCP – Banco Comercial Português

BP - *British Petroleum*

BPN – Banco Português de Negócios

CDS – Credit Default *Swap*

CMVM – Comissão de Mercado de Valores Mobiliários

Eng. – Engenheiro

OPA – Operação Pública de Aquisição

PIB – Produto Interno Bruto

PIN – Projeto de Interesse Nacional

PS – Partido Socialista

PSD – Partido Social Democrata

PT – Portugal Telecom

RTP – Rádio e Televisão Portuguesa

SIC - Sociedade Independente de Comunicação

Sr. - Senhor

TAP – Transportadora Aérea Portuguesa

TVI – Televisão Independente

VEM – Varig, Engenharia e Manutenção

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Logótipo do programa de informação da SIC Hora Extra

Ilustração 2 - Direto de um incêndio num prédio em Campo de Ourique (2011)

Ilustração 3: Logótipo do programa de informação da SIC Grande Reportagem

Ilustração 4: Logótipo do programa de informação da SIC Perdidos e Achados

Ilustração 5: Logótipo do programa de informação da SIC Reportagem Especial

Ilustração 6: Entrevista ao ex-presidente do BPP durante a crise que afetou o banco em 2008.

Ilustração 7 – Cobertura em direto da noite eleitoral do Bloco de Esquerda nas legislativas de 2009.

Ilustração 8 – Entrevista durante a campanha eleitoral do Bloco de Esquerda (2011).

Ilustração 9 - Logótipo do programa de informação da SIC Primeiro Plano

Ilustração 10 – Presidente da República a conversar informalmente com jornalistas na viagem de avião para a Turquia (2009).

Ilustração 11 – Em Timor, com um nativo, depois de uma entrevista a Xanana Gusmão (2010).

Ilustração 12 - Logótipo do programa de informação da SIC Grande Reportagem (2)

Ilustração 13 – Cobertura da catástrofe no Japão: um terramoto, um tsunami e uma crise nuclear (2011).

Ilustração 14 – Máscara para trabalhar no Japão onde uma nuvem radioativa não deixava ninguém descansado.

Ilustração 15 - Cobertura da campanha eleitoral para as legislativas de 2011 com o candidato do PSD, Pedro Passos Coelho.

Ilustração 16 – Direto para o Jornal da Noite, apresentado por Rodrigo Guedes de Carvalho, a partir da Madeira, durante as eleições regionais de 2011.

Ilustração 17 – Gravação do primeiro episódio do programa da SIC Notícias, Conversas Improváveis, com Marcelo Rebelo de Sousa e Ricardo Araújo Pereira (Janeiro de 2012).

Ilustração 18 - Logótipo do programa de informação da SIC Notícias Conversas Improváveis

Ilustração 19 – Direto a partir de Atenas durante a campanha eleitoral (Maio de 2012).

Ilustração 20 – Primeiro episódio do programa Quem Diria com Rodrigo Guedes de Carvalho e José Rodrigues dos Santos (Janeiro 2013)

Ilustração 21 - Logótipo do programa de informação da SIC Notícias Quem Diria

Ilustração 22 – Entrevista aos presidentes dos maiores bancos nacionais (2011)

Ilustração 23 – Durante a edição de uma reportagem na Grécia (2012)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – PERCURSO ACADÉMICO.....	14
1.1 - Curso de Ciências da Comunicação	14
2 – PERCURSO PROFISSIONAL	17
2.1- Estágio	17
2.3 - O regresso à SIC	21
2.4 - O primeiro direto	26
2.5 - A primeira viagem.....	28
2.6 – OPA.....	30
2.7 – Grande Reportagem	32
2.8 - Uma semana de incêndios.....	33
2.9 - O caso BCP	36
2.10 - Macau	37
2.11 - Crise mundial	39
2.12 – Campanhas eleitorais	41
2.13 – Timor 11 anos depois.....	45
2.14 – A pressão	47
2.15 – Enviado especial ao Japão	49
2.16 - Crise Política.....	52
2.17 – Conversas Improváveis	54
2.18 – Grécia.....	56
2.19 – Quem Diria.....	58

2.2 - À procura do primeiro emprego	20
2.20 - A polémica dos <i>swap</i>	59
2.21 - Outras experiências profissionais	60
3 – UNIVERSITÁTE E <i>COMMUNICATIO</i> NE	60
3.1 - O curso	60
3.2 - Académico vs. Profissional?	62
3.3 - Uma década de jornalismo	65
3.4 - O desafio da Economia	66
3.5 - A criatividade	68
3.6 - Trabalho de equipa	69
3.7 - Os novos jornalistas	70
3.8 - A nova realidade dos <i>media</i>	71
3.9 - <i>Ego</i>	73
4 - A NOVA GERAÇÃO DE JORNALISTAS	74
4.1 – Os 3 dilemas	74
4.2 – Formação e interesse dos alunos de Comunicação Social.....	74
4.3 – O acesso à profissão de jornalista	79
CONCLUSÃO.....	83
BIBLIOGRAFIA	86

INTRODUÇÃO

Há momentos que definem uma vida e eu tive vários. Com 16 anos ainda por completar e o 9º ano a aproximar-se a passos largos do final, começaram a surgir as perguntas habituais: “que área vais seguir?” e “que profissão gostarias de ter?”. Antes de dar uma resposta convicta a alguém eu tinha de responder com firmeza, primeiro, a mim próprio pois essa seria, em meu entender, a única forma de chegar a um objetivo. Foi isso que fiz.

Cresci a ler o jornal “A Bola”, em formato *broadsheet* (de tão grande que era não me cabia nos braços) ao domingo com o meu tio, um doente benfiquista que me passou essa “doença” a que muitos chamam clubite e, sem querer, passou-me também a paixão pela imprensa. Comunicar, muito e muitas vezes de forma anárquica, era já uma imagem de marca da família e eu, claro, recebi essa herança, que mais tarde viria a revelar-se decisiva para o percurso que fiz.

Mas esta não foi a única herança que recebi ainda novo. A personalidade forte, tantas vezes confundida, às vezes justa, outras injustamente, com teimosia, fez com que à primeira pergunta sobre que futuro queria para mim, a resposta tivesse sido pronta e firme: “quero ser jornalista”. Estávamos em 1995, o primeiro canal privado de televisão em Portugal (SIC ¹) tinha nascido há menos de três anos e o mercado, já na altura, não era propriamente fértil em ofertas para jornalistas.

O receio de quem como os meus pais investia tudo na minha formação era mais do que compreensível. A minha mãe decidiu consultar uma psicóloga que pudesse “medir” as minhas competências e traçar-me um caminho. A consulta demorou pouco mais de uma hora durante a qual fiz um conjunto de testes psicotécnicos básicos que permitiram à psicóloga fazer o “diagnóstico”: “o seu filho deve seguir a área de Humanidades e escolher qualquer profissão que esteja relacionada com comunicação, jornalismo, por exemplo”. Era tudo o que eu queria ouvir e tudo o que a minha mãe preferia não ter ouvido. Até hoje dei por mal empregues aqueles 10 contos que ela pagou por uma resposta que eu já tinha e à qual a psicóloga só chegou porque lhe dei todas as pistas.

A partir do 10º ano decidi que tinha de começar a preparar esse futuro tão incerto que tinha pela frente. Se queria ser jornalista mais valia começar de imediato

¹ A SIC foi o primeiro canal de televisão privado em Portugal, fundado Francisco Pinto Balsemão. O primeiro dia de emissões foi no dia 6 de outubro de 1992

para ganhar alguma vantagem mais tarde e, já agora, para confirmar que era mesmo aquilo que queria, não fosse dar-se o caso de vir a perceber que afinal aquela profissão não me faria tão feliz assim.

Como não conhecia ninguém no meio comecei pela forma que me pareceu mais simples e eficaz. Todas as semanas escrevia para a coluna do leitor de um jornal regional de Leiria ² (o de maior tiragem) sobre temas que me pareciam notícia, mas não via tratados nos jornais. Os buracos na estrada, os caixotes do lixo por despejar, pequenas coisas que na altura me pareciam notícias merecedoras de aparecer nas páginas de um jornal. A rotina de ir ao jornal entregar o “artigo”, devidamente acompanhado do bilhete de identidade, dava-me a sensação de proximidade do meio onde queria um dia mais tarde trabalhar. Depois era esperar que chegasse a sexta-feira, ir a correr à caixa do correio buscar o jornal e correr desenfreadamente as páginas à procura do nome “Anselmo Crespo”. A alegria de constatar que o meu “artigo” havia sido publicado era proporcional à tristeza das semanas em que ele não coubera e ficara adiado para a semana seguinte. Foi assim durante um ano.

No verão seguinte decidi dar um novo passo. Com a ajuda de um primo “bem relacionado” na cidade consegui ir um mês para a rádio Voz de Leiria ³ – Emissora regional da Rádio Renascença liderada por um vulto da rádio em Leiria. Alberto Santos, dono de uma voz portentosa, fazia já parte da mobília e dava alma à rádio onde eu todos os dias cumpria horário, tal e qual como qualquer outro trabalhador, com a diferença de que eu era um mero espectador.

Via, acompanhava cada fase do processo de uma rádio ainda com bobines e cartuxos e, se tivesse sorte, deixavam-me escrever umas notícias que, com ainda mais sorte, talvez fossem lidas no noticiário seguinte.

Um dia, o Alberto Santos estava a apresentar um daqueles programas de rádio que se prolongavam pela tarde fora, com muita conversa e alguma música ligeira, portuguesa pois claro, e previamente selecionada pela hierarquia da Rádio Renascença para não ferir a Fé de nenhum católico. Chamou-me do lado de lá do vidro e convidou-me a entrar no estúdio. Pensei que me queria pedir algum favor, mas mandou-me sentar. Eu seria o entrevistado da próxima hora. Não sei se algum dia encontrarei palavras suficientemente fortes para descrever o nervosismo que se apoderou de mim naquele momento, mas não me levantei e fui embora. Fiquei. A conversa, da qual tenho vaga memória, “correu bem”, disse ele enquanto me oferecia uma cassete com a gravação. Lembro-me de que falámos sobre a minha ambição de ser jornalista e dos motivos que

² O Região de Leiria é um semanário generalista e um dos jornais mais antigos do país.

³ A Voz de Leiria fazia parte de um rede de emissoras regionais da Rádio Renascença.

me tinham levado a escolher esse caminho. Lembro-me que nunca o deixei sem resposta e que naquele dia decidi que não ia nem olhar para trás e nem voltar atrás.

No ano seguinte quis experimentar outra rádio ⁴, a mais ouvida da cidade, com música mais condizente com os meus gostos e com pessoas mais novas e, naturalmente, mais próximas da minha idade. Desta vez, decidi que não pediria ajuda a ninguém. Fui, bati à porta e apresentei-me. Fiquei não um mês, mas três, todo o verão que naquele ano, por mais que tentasse, não me conseguia convencer a ir para a praia. De hora a hora ouvia a TSF e escrevia as notícias que me pareciam mais relevantes para serem lidas depois por um jornalista da rádio às meias horas. Escrevia também as notícias do desporto para um noticiário desportivo ao meio dia, para o qual o jornalista responsável chegava sempre cinco minutos antes. Pegava nos papéis que eu tinha escrito e lia à primeira, como se aquelas palavras tivessem saído da cabeça dele. Eu não me importava. Pelo menos estava a aprender e a fazer alguma coisa, ouvia boa música e estava no meio que me fazia feliz.

O 12º ano era o ano de todas as provas. Não bastava querer ser jornalista, era preciso conseguir entrar na Universidade e ganhar as competências necessárias para lá chegar.

Naquele ano, um papel afixado numa parede chamou-me a atenção: “Queres ser jornalista? Novo semanário de Leiria procura correspondentes”. O desafio parecia ter sido pensado para mim, mas seria correspondente de onde?

Apresentei-me no jornal que tinha acabado de nascer e onde fervilhavam mentes novas, misturadas com outras mais experientes, algumas com passagens por órgãos de comunicação social nacional. O ambiente era esmagador.

Sentei-me à conversa com o diretor adjunto do jornal Notícias de Leiria ⁵, que depois das perguntas *cliché* me perguntou de onde era. “Sou do Arrabal”, respondi meio envergonhado. O Arrabal é uma freguesia do concelho de Leiria com pouco mais de 2.500 habitantes, onde cresci e tenho as minhas raízes. “E há notícias no Arrabal?”- perguntou o diretor adjunto. “Muitas”- respondi eu sem ter bem a certeza do que estava a dizer. Nesse dia ganhei um cartão com a chancela “Notícias de Leiria”, onde constava o meu nome e a minha fotografia seguidos do título “correspondente do Arrabal”. Estávamos em 1998 e eu estava prestes a entrar na Universidade.

Das seis opções que me eram dadas a escolher na candidatura ao ensino superior, preenchi cinco com cursos de Comunicação Social, Jornalismo e Ciências da

⁴ Rádio Comercial de Leiria, atual 94FM.

⁵ O Notícias de Leiria foi um jornal semanário que nasceu em 1998 e acabaria por fechar sete anos depois.

Comunicação e apenas uma para Direito para acalmar os meus pais. Acabaria por entrar no curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, na longínqua Covilhã onde já nem me lembrava de alguma vez ter estado.

Durante os quatro anos do curso mantive sempre a minha ligação ao semanário Notícias de Leiria, uma das escolas mais importantes que tive no jornalismo e que acabaria por fechar menos de dez anos depois de nascer.

É esta a introdução ao meu percurso académico feito de quatro anos na Universidade da Beira Interior, onde frequentei o curso de Ciências da Comunicação e ao meu percurso profissional, construído durante mais de dez anos numa empresa de comunicação social de referência como é a SIC. Aí tive oportunidade de trabalhar com alguns dos melhores profissionais do jornalismo em Portugal e aprender com eles.

Se é verdade que foi na SIC que cresci como jornalista, não é menos verdade que tudo o que estive a montante da televisão foi fundamental para adquirir as bases necessárias para percorrer este caminho.

Este relatório de atividade profissional pretende ser uma espécie de viagem pelo curso de Ciências da Comunicação que frequentei e pela minha carreira de onze anos como jornalista, mas pretende ser mais do que isso. Neste relatório proponho-me fazer uma análise crítica ao curso que frequentei e à sua adequação ao mercado de trabalho.

Proponho-me ainda, numa segunda fase, juntar duas visões: a de jornalista que acompanha quase diariamente estagiários na SIC e a de docente do curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Leiria, uma vez que as duas me permitem uma perspetiva diferente sobre os jovens que hoje escolhem esta área, as suas competências e motivações pessoais, antes de entrarem num mercado tão difícil e tão fechado como é o do jornalismo.

1 – PERCURSO ACADÉMICO

1.1 - Curso de Ciências da Comunicação

Em Setembro de 1998 entrei para a Universidade a Beira Interior, na cidade da Covilhã, para frequentar a licenciatura de Ciências da Comunicação. O curso de quatro anos, mais um estágio curricular de três meses, era composto por 38 unidades curriculares.

No primeiro ano letivo (1998/1999) frequentei as seguintes unidades curriculares: Língua e Cultura Portuguesa I, Língua e Cultura Francesa I, Matemática I, História dos Media, Epistemologia, Língua e Cultura Portuguesa II, Língua e Cultura Francesa II, Matemática II, Semiótica Geral, Metodologia e Hermenêutica.

No segundo ano (1999/2000) frequentei as seguintes disciplinas: História e Cultura Ocidental, Língua e Cultura Inglesa I, Sociologia, Semiologia do Texto, História da Arte, História Moderna e Contemporânea, Língua e Cultura Inglesa II, Teoria da Linguagem, Teoria da Comunicação e Pensamento Contemporâneo.

No terceiro ano (2000/2001) frequentei as seguintes disciplinas: Economia, Sociedade e Comunicação I, Ética I, Marketing, Artes Gráficas, Teoria Política, Sociedade e Comunicação II, Teoria da Imagem, Géneros Jornalísticos e Publicidade e Relações Públicas.

No quarto e último ano da licenciatura (2001/2002) frequentei as seguintes unidades curriculares: Retórica, Estética, Direito da Comunicação, Ética II, Temas de Jornalismo Contemporâneo I, Teoria da Notícia, Atelier de Jornalismo e Temas de Jornalismo Contemporâneo II.

Das 38 unidades curriculares, permito-me destacar algumas. Começo pela disciplina de Géneros Jornalísticos, a primeira que tratava mais diretamente a profissão que tinha escolhido antes mesmo de entrar para o curso de Ciências da Comunicação. O docente, o professor José Geraldês, definira um programa que começava pela origem dos vários géneros jornalísticos. Das razões históricas, à teoria dos géneros, sem esquecer as querelas da classificação e as propostas das várias escolas, esta foi, digamos, a introdução para uma disciplina que teria ainda muito para desenvolver.

Os géneros informativos, que contêm as notícias em todas as variáveis possíveis, distinguem-se dos interpretativos, onde a reportagem, a entrevista jornalística, o perfil e a crónica assumem papel de destaque. Quanto à opinião, ela pode assumir a forma de editorial, comentário, crítica, de artigo, de ensaio, artigo de humor, bilhete, coluna pessoal, só para citar alguns. A disciplina de Géneros Jornalísticos explorou a notícia, os seus elementos de valoração e tipologias, a estrutura que a compõe, titulação,

legendas, foto legendas e outros elementos gráficos. Dentro da narrativa jornalística há a destacar a importância do *lead*, as funções que assume e os requisitos para que se possa assumir uma parte da informação como *lead*. A fórmula dos cinco w's (quem fez o quê, quando, onde e porquê) e as regras que ajudam a construir o *lead* levam depois à construção do relato jornalístico segundo as regras da pirâmide invertida. Outro capítulo relevante desta disciplina abordou a escrita jornalística, a arte de escrever numa comparação com a retórica clássica, as regras para ser lido, a linguagem e as suas diferenças, legibilidade, compreensibilidade e erros a evitar.

Na disciplina de Estética passámos por Platão e o belo apreensível, por Aristóteles e a limitação da catarse e ainda pela teoria da beleza sensível de Baumgarten ou a teoria do génio de Kant. À noção de forma e ao regime das artes seguiu-se o problema estético de Kant dividido em duas partes. Por fim, o plano de composição estético de Deleuze trouxe a pergunta sobre o que é um ato de criação, a discussão do sublime matemático e o sublime dinâmico no cinema, a obra de arte como ser de sensação e Francis Bacon, pintura de sensação, pintura das forças.

A disciplina de Teoria da Notícia começa por fazer uma definição de notícia, contando para isso com a ajuda de autores como Bleyer, Martínez Albertos, McQuail e Mar Fontcuberta. Dos elementos que constituem a notícia, passando pela sua estrutura e tipologia, a disciplina avançou para a produção. “Porque é que as notícias são como são?” perguntou Michael Schudson. As múltiplas respostas haveriam de surgir nas teorias do espelho, no *gatekeeping* e no *newsmaking* que abriram caminho para a definição dos “valores/notícia”: o acontecimento, a atualidade jornalística e os critérios de seleção, com a ajuda de C. Warren e Javier Muñoz. Numa terceira fase do programa da disciplina passámos ainda pelos efeitos da notícia e o seu poder de influência, desenvolvido mais uma vez por Michael Schudson. Dos conceitos operativos, às teorias normativas dos media e dos efeitos chegámos aos vários resultados a prazo do *agenda-setting*.

A unidade curricular de Teoria da Notícia passou ainda pela deontologia da notícia e da profissão de jornalista, pela objetividade que se impõe a um profissional desta área e pelas várias perspetivas de análise que são necessárias. A disciplina, que teve como docente José Geraldês, abordou ainda, de forma mais superficial, o jornalismo *online* e as novas tecnologias.

Em Temas de Jornalismo Contemporâneo I abordámos o jornal e o jornalismo de Gutemberger até aos nossos dias. Debruçámo-nos ainda sobre as características atuais do jornalismo e as várias tipologias de jornais, que devem ser lidos de forma diferente em função das suas diferenças. Abordámos ainda os níveis de leitura, a linguagem, a gramática e o estilo, sem esquecer a análise do jornal, as suas várias etapas, os métodos, os sectores de análise, produção, difusão e audiência. Em Temas de Jornalismo Contemporâneo I passámos ainda pelos conteúdos temáticos, a distribuição dos mesmos, os custos, a publicidade e as consequências para a empresa jornalística destes fatores, o fenómeno da concentração e formação de grupos multimédia.

Do programa da disciplina constava ainda o funcionamento do jornal, o *planning*, a organização, as várias secções e as suas rotinas. Por último, Temas de Jornalismo I abordava o jornal como ator social, como pacificador, intérprete, mediador e membro do sistema político, as funções que desempenha num sistema muitas vezes complexo de criação e resolução de problemas ou meramente como narrador e participante em conflitos.

Retórica terá sido, porventura, uma das disciplinas mais interessantes e, seguramente, das mais aprazíveis ao estudo. Aristóteles considerava-a a arte de encontrar os meios de persuasão que cada caso comporta, a arte de defender-se argumentando em situações nas quais a demonstração não é possível. Na verdade, esta definição é bem traduzível no dia-a-dia de um jornalista. As quatro componentes da retórica - a invenção, a disposição, elocução e ação – fazem, ainda que muitas vezes de forma implícita, parte do trabalho de um profissional de comunicação que precisa do *ethos* e do *pathos*, sem nunca poder dispensar o *logos*. Retórica deu-me muitas ferramentas para a atividade profissional que escolhi: do tipo de provas, ao estilo, a ação, passando pelos três géneros de discurso e pelas quatro partes que compõem a disposição.

O docente que lecionou a cadeira de Retórica no ano letivo 2001/2002, o Professor Doutor António Fidalgo, ensinou-nos a argumentar, mas mais importante que isso, ensinou-nos a contra-argumentar, a estarmos preparados para o imprevisto e termos a agilidade mental suficiente para esse imprevisto. Parte significativa da avaliação nesta unidade curricular passava pela elaboração de um trabalho de vídeo onde escolhíamos um tema sobre o qual deveríamos argumentar. O meu grupo de trabalho escolheu “a ausência de estádios para o Euro 2004, no interior do país”.

Permito-me ainda destacar uma última disciplina que foi, provavelmente, a que mais prazer me deu em quatro anos de licenciatura. Atelier de Jornalismo permitiu-me tomar contacto direto com o “terreno” da reportagem. A avaliação desta disciplina era feita com base em sete reportagens: cinco curtas, uma grande entrevista e uma grande reportagem. Os temas eram os da atualidade local e nacional e os alunos podiam escolher entre imprensa, rádio ou televisão. Tendo já alguma experiência nas duas primeiras, optei pela terceira, em jeito de desafio a mim próprio. O docente, João Canavilhas, acompanhava a evolução das reportagens, discutia-as com os alunos nas aulas, mas fazia da exigência ponto de honra, quer no prazo que estipulava para a entrega, quer para as falhas cometidas. Aprendi muito nesta disciplina, que me deu duas coisas muito importantes: a certeza de que tinha feito a escolha certa e uma porta de entrada para a SIC.

2 – PERCURSO PROFISSIONAL

2.1- Estágio

Completadas que estavam as 38 unidades curriculares, segui para o estágio curricular na SIC - Sociedade Independentemente de Comunicação, com quem a Universidade da Beira Interior tinha, e tem, protocolo de estágios.

A 17 de Julho de 2002 iniciei esse estágio, que era originalmente de três meses, mas que foi sendo prolongado por sugestão da Direção de Informação da SIC. Primeiro por seis meses e mais tarde por oito meses. A editoria de desporto foi a escolhida pelo subdiretor de informação, Martim Cabral, responsável pelos estágios, para eu cumprir estes meses de estágio. Seria precisamente no desporto, que teria a minha primeira experiência profissional em jornalismo televisivo.

No primeiro dia de estágio foi-me solicitado que acompanhasse o jornalista Jorge Perestrelo a um treino do Sporting na Academia de Alcochete, seguido de conferência de imprensa do treinador que, à época, era Laszlo Boloni. Essa reportagem haveria de ser a minha primeira a ser emitida no Jornal da Noite ⁶ e Primeiro Jornal ⁷ da SIC e nos vários noticiários da SIC Notícias ⁸.

Durante os oito meses de estágio tive oportunidade de aprender as várias técnicas televisivas, evoluir na construção de uma reportagem e na escrita para televisão. Quer através do acompanhamento de outros jornalistas sénior, quer através da prática do dia-a-dia.

Durante este estágio acompanhei e fiz a cobertura de treinos, jogos e conferências de imprensa dos principais clubes de futebol em Portugal e da Seleção Nacional. Fiz reportagens sobre várias modalidades desportivas - do ténis, ao basquetebol, passando pela canoagem e a vela - entre muitas outras experiências que me enriqueceram enquanto jornalista em formação. Apesar de estar na editoria de desporto, tive também oportunidade de fazer outras reportagens fora do âmbito desportivo, sempre que era solicitado para tal, pelos vários coordenadores da SIC e da SIC Notícias.

⁶ O Jornal da Noite é o principal bloco informativo da SIC que vai para o ar diariamente às 20 horas.

⁷ O Primeiro Jornal é o segundo bloco informativo mais importante da SIC que vai para o ar diariamente às 13 horas.

⁸ A SIC Notícias foi o primeiro canal de informação 24 horas em Portugal. Iniciou emissões regulares a 8 de Janeiro de 2001.

Servem de exemplo a reportagem que fiz em Setúbal, sobre a pesca artesanal, emitida durante um especial de informação do Primeiro Jornal da SIC em Setúbal, ou a cobertura de acidentes de viação como o que tive oportunidade de cobrir na Charneca da Caparica, entre outros. Também durante o escândalo do processo Casa Pia, tive possibilidade de fazer algumas reportagens sobre o tema, para o Jornal da Noite da SIC.

Foi também durante este estágio de oito meses que sugeri uma reportagem sobre as claques de futebol. A proposta foi aceite pelo meu superior hierárquico, o editor de desporto da SIC, à época, jornalista José Augusto Marques.

Aquilo que parecia ser apenas uma reportagem para o Jornal da Noite, acabaria por tornar-se uma Grande Reportagem que serviria de tema principal para o programa da SIC Hora Extra ⁹. O programa, constituído por uma grande reportagem que serviria de mote ao debate em estúdio, moderado pela jornalista Conceição Lino é, ainda hoje, uma das imagens de marca da informação da SIC.

Tive o privilégio de ser o autor, enquanto estagiário, de uma das reportagens que fez parte desse programa (abril de 2003). Durante um mês acompanhei as principais claques do Benfica, do Sporting, do Belenenses e da Académica, tendo a reportagem sido complementada por uma outra claque, a dos Super Dragões, pertencente ao Futebol Clube do Porto, elaborada por um jornalista da SIC Porto.

A reportagem por mim realizada foi para o ar e o programa foi um sucesso de audiências e, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes do meu estágio na SIC. Foi também o último trabalho que fiz durante o meu estágio.

⁹ O Hora Extra era um programa de informação semanal, constituído por uma ou várias reportagens seguidas de debate. Era apresentado pela jornalista Conceição Lino



Ilustração 1: Logótipo do programa de informação da SIC Hora Extra

Título: “Claques de Futebol”

Emitida: SIC

Data: 16 de Março de 2003

O ano de 2002 foi particularmente difícil para a SIC. Depois do auge e de audiências de mais de 50% de *share*, o canal ressentiu-se, e de que maneira, da concorrência mais feroz da TVI ¹⁰, que tinha lançado o Big Brother, um *reality show* que revolucionou a televisão em Portugal e atirou a estação para o primeiro lugar entre as televisões generalistas.

O meu primeiro mês de estágio na SIC, foi também o mês em que a empresa entrou, pela primeira vez, em processo de despedimento coletivo. Esta premissa deitava por terra qualquer expectativa que eu pudesse ter de ser contratado no final do estágio. Essa foi, de resto, uma das primeiras informações que o subdiretor de informação, Martim Cabral, deu a mim e aos estagiários que entraram no mesmo dia: "Bem-vindos. Não alimentem a esperança de cá ficar, porque não ficam". A explicação para esta frase tinha tanto de lógico como de fundamento legal. Se a empresa estava a despedir não fazia sentido contratar simultaneamente novos trabalhadores e, tratando-se de um despedimento coletivo, legalmente, a empresa ficaria impedida de contratar durante um longo período.

Não estranhei, por isso, que oito meses depois de ter começado o meu estágio, a ordem fosse para deixar a SIC. Parte da estrutura intermédia e alguns dos elementos da direção da SIC e da SIC Notícias tentaram ainda assim, em vão, encontrar uma forma

¹⁰ A TVI foi o segundo canal privado a nascer em Portugal. Foi para o ar, pela primeira vez, a 23 de Fevereiro de 1993.

legalmente possível de prolongar o meu vínculo com a SIC. Encarei esta atitude como uma confirmação de que o meu percurso na empresa, durante aqueles meses, tinha sido positivo.

2.2 - À procura do primeiro emprego

Regressei a Leiria em março de 2003 e voltei ao jornal onde tudo tinha começado. O Notícias de Leiria, que me tinha ensinado muita coisa sobre jornalismo antes de ir para a SIC, acolheu-me de braços abertos e eu consciencializei-me de que ser jornalista bastava para me sentir realizado, independentemente do local onde estivesse a trabalhar.

Para o Notícias de Leiria, era uma mais-valia ter alguém com experiência nacional e para mim o mais importante era acordar de manhã e ter vontade de ir trabalhar. Acresce que no jornal que tinha deixado há pouco mais de um ano, continuavam muitos amigos e por isso, tudo seria mais fácil.

Se me é permitida uma nota mais pessoal, considero importante referir isto: no dia em que deixei a SIC, o meu último dia de estágio, ocorreu-me um pensamento que me acompanha até hoje: "às vezes é preciso dar um passo atrás, para mais tarde dar dois em frente". Foi exatamente isso que aconteceu.

De março de 2003 a novembro do mesmo ano, trabalhei como jornalista no semanário Notícias de Leiria. Fui autor de várias manchetes do jornal, acompanhei quase todas as áreas: da política, à economia, passando pelo desporto e pelos temas mais sociais.

Acompanhei a polémica, que se tornou nacional, em torno das descargas das suiniculturas para a Ribeira dos Milagres, que por sua vez poluía o Rio Liz e a praia da Vieira, onde desagua o principal rio da cidade de Leiria. Entrevistei os principais protagonistas desta polémica, incluindo o antigo ministro do ambiente, mais tarde primeiro-ministro, José Sócrates.

Fiz ainda a cobertura da final da Taça de Portugal ¹¹, que colocou frente-a-frente a União Desportiva de Leiria e o Futebol Clube do Porto. Estes são apenas alguns trabalhos que fiz durante esse período e que servem de exemplo.

¹¹ Na época 2002/2003 a União Desportiva de Leiria chegou pela primeira vez na sua história à final da Taça de Portugal. Perdeu por 1-0 com o Futebol Clube do Porto.

Em novembro de 2003, com alguns meses de ordenado em atraso, a redação do jornal, incluindo o seu diretor à época, decidiu demitir-se em bloco. O novo acionista maioritário tinha um conceito muito distorcido do que era o jornalismo e dos princípios que regem a profissão, o que associado aos ordenados em atraso, justificou a decisão da redação. Fiquei oficialmente desempregado.

Durante o mês de dezembro de 2003 fui desafiado para um programa de televisão sobre moda, emitido num canal por cabo (Cabovisão) e aceitei o desafio. No entanto, a falta de pagamento não me permitiu prolongar esta experiência para além de um mês.

2.3 - O regresso à SIC

2004

O ano de 2004 contava ainda poucos dias, quando um dia o telefone tocou. Do lado de lá, José Gomes Ferreira, subdiretor de informação da SIC, com uma proposta de trabalho.

Durante o meu estágio na SIC, tinha convivido algumas vezes com ele. Quando precisava, pedia-me outras reportagens fora da área do desporto, às quais eu dizia sempre que sim. De todas as pessoas que tinha conhecido na SIC, o José Gomes Ferreira era provavelmente das últimas, de quem eu esperava um telefonema com uma proposta de trabalho.

Regressei a Lisboa para falar com ele e a proposta tinha tanto de simples como de complexa para mim. Desafiou-me para regressar como jornalista do programa “Negócios da Semana”¹², um programa semanal de economia apresentado por ele na SIC Notícias. A proposta era simples e o salário ainda mais, mas tornava-se complexa para mim já que de todas as áreas de interesse que tinha, a economia vinha no fim da lista. Considerei que a honestidade seria provavelmente o melhor trunfo que tinha para lhe apresentar e confessei que pouco ou nada percebia da área. Ainda assim fui contratado.

¹² O Negócios da Semana é um programa de entrevistas sobre temas económicos e um dos programas mais antigos da SIC Notícias.

O desafio era grande e aliciante. A economia era, na altura, um tema com pouco destaque nos alinhamentos das televisões e a palavra crise começava a ouvir-se, mas ainda em surdina. Os jornais televisivos preferiam os temas sociais e políticos e os poucos temas económicos a que davam destaque, tinham a ver com subidas de preços de combustíveis, por exemplo, ou aumentos de impostos.

Para mim tudo era novo na construção de uma peça. A economia obrigava-me a um estudo muito maior das matérias, até porque torna-se impossível dar uma notícia com clareza aos telespectadores, se não a compreendermos bem primeiro.

Cada reportagem, cada notícia era, e ainda é, um desafio. Neste percurso contei com a ajuda dos restantes jornalistas da editoria de economia e sobretudo com a paciência do José Gomes Ferreira que me ensinou quase tudo o que sei hoje sobre economia.

Três meses depois de iniciar funções como jornalista de economia da SIC, fui colocado na “Manhã I”¹³, um lugar rotativo, pela natureza difícil do horário, pelo qual passava grande parte dos jornalistas da editoria. Foi um teste difícil, porque nesse horário tinha de editar sozinho esta área, escolher as notícias mais importantes, escrevê-las a colocá-las no ar. Era uma espécie de editor de mim próprio.

Durante esses três meses, assumi uma responsabilidade para a qual não imaginei estar preparado. A rotina diária passava por dar a abertura das principais bolsas europeias, o fecho das bolsas americanas e a evolução das bolsas asiáticas já que, pelo menos uma, ainda estava aberta àquela hora.

Depois tinha de escolher as notícias do Jornal de Economia, um espaço integrado na “Edição da Manhã” da SIC Notícias e que ia para o ar às 8h30. Fazia-o, obviamente, com a supervisão do coordenador deste espaço, que me dava bastante autonomia, o que me aumentava ainda mais a responsabilidade.

Falhar uma notícia importante ou emitir factos errados, por confirmar ou distorcidos, podia ter consequências graves para mim mas, sobretudo, para a SIC. O mais difícil, além do horário que obrigava a acordar às 5 da manhã, era confirmar uma notícia.

Um jornalista, digno desse nome, não dá uma notícia sem apurar devidamente os factos, cruzar informações e questionar os protagonistas. Estas são tarefas difíceis, se não mesmo impossíveis às 5, 6 ou mesmo às 7 da manhã. A essa hora nenhum protagonista de uma notícia está disponível para falar com jornalistas, o que torna o nosso trabalho muito mais difícil.

¹³ A “manhã I” é o primeiro -turno de uma redação com referência de horários de entrada às 4 da manhã.

Prova disto mesmo foi o caso de uma notícia que envolveu a BP. O Diário de Notícias publicava na primeira página, uma notícia que dava conta de um negócio menos transparente relativo aos terrenos da Expo.

A dúvida que tive naquele dia, sobre aquela notícia, era a mesma que tinha quase todos os dias em relação a muitas outras notícias de jornais. Dar aquela informação aos telespectadores da SIC Notícias, ainda que citando o jornal, podia acarretar o risco de ser desmentido, o risco de um processo movido pela BP à SIC e a mim próprio e, pior que tudo isso, o risco de estar a enganar o telespectador ou, no mínimo, a transmitir uma notícia que não tivesse todos os factos.

Optei por dar a notícia, citando o Diário de Notícias, não sem antes enviar um *email* para o gabinete de comunicação da BP a pedir um esclarecimento e a questionar se alguém estaria disponível para gravar com a SIC. Enquanto a resposta não surgiu, a notícia foi para o ar. Às 11 da manhã do dia seguinte, tinha uma carta da BP em cima da minha secretária. Tratava-se de um desmentido da notícia que tinha sido dada no dia anterior, seguido de uma ameaça de processo judicial.

Contactei o gabinete de imprensa e disponibilizei-me para fazer a devida correção da notícia, no mesmo espaço noticioso e com igual destaque. O presidente da companhia, o Eng. António Comprido, deu-me uma entrevista e no final perguntou-me porque é que aquela conversa não tinha existido no dia anterior. Devolvi-lhe com outra pergunta: "o Sr. Engenheiro atende-me o telefone às 5 ou às 6 da manhã?". O problema ficou sanado e serviu-me de lição até hoje.

Depois de três meses na "Manhã I", voltei ao meu horário natural, das 12h às 20h, a trabalhar quer para o Jornal de Economia das 18h15 na SIC Notícias, quer para o Jornal da Noite.

Acumulava com o programa "Negócios da Semana", às quartas-feiras na SIC Notícias, onde fazia um pouco de tudo. Desde produção a reportagens, grandes entrevistas e até *régie*¹⁴. Trabalhava de perto com o José Gomes Ferreira, o grande responsável pelo meu regresso à SIC, que se disponibilizara para me ensinar tudo sobre economia.

Durante dois anos aprendi muito, familiarizei-me com os conceitos, conheci muitos protagonistas relevantes para o jornalismo económico. Tive oportunidade de travar conhecimento com empresários, banqueiros, especialistas nas mais diversas áreas e outros jornalistas económicos da imprensa e da televisão.

¹⁴ Régie é o centro de operações de uma televisão, onde se coordena e realiza uma emissão.

O programa “Negócios da Semana” deu-me uma lista de contactos preciosa e uma experiência fundamental para o que tinha ainda pela frente. A natureza semanal do programa permitia-me uma reflexão mais atempada sobre os temas a tratar nas reportagens que fazia e dava-me ainda a oportunidade de fazer trabalhos diferentes daqueles que se fazem no dia-a-dia para o Jornal da Noite.

Durante dois anos fiz grandes entrevistas a presidentes de grandes empresas portuguesas, a políticos e governantes. Esses trabalhos eram transmitidos durante o programa.

Cumulativamente, trabalhava para o Jornal da Noite com reportagens do dia, sobretudo sobre temas económicos, que variavam em função da atualidade. Da subida dos preços dos combustíveis, às novas medidas do Orçamento do Estado de cada ano, passando pelos negócios e pela vida interna das grandes empresas, o trabalho de repórter de televisão é muito variado e quase nunca monótono.

Um dos temas que acompanhei mais de perto foi o processo de privatização da Galp. A discussão em torno dos novos acionistas da maior petrolífera portuguesa estava ao rubro e as notícias sobre esse processo surgiam diariamente, às vezes de hora a hora.

Em junho de 2004, Durão Barroso era ainda primeiro-ministro e na pasta da economia estava Carlos Tavares, atualmente presidente da CMVM¹⁵. Num desses dias de junho, o ministro da economia tinha agenda pública na inauguração da primeira loja IKEA em Portugal, a loja de Alfragide, mas o tema que dominava a atualidade económica era, sem margem para dúvidas, a Galp e o seu processo de privatização, um assunto da competência direta de Carlos Tavares.

Feita a inauguração da loja, com o típico serrar do madeiro sueco, os jornalistas abordaram o ministro para lhe fazerem algumas perguntas, que começaram pela presença dele naquele local, mas rapidamente passaram para a Galp. A atrapalhão do ministro foi constrangedora e, entre os jornalistas, imperava a lei do que fizesse a pergunta mais alto, na esperança de obter uma resposta. Carlos Tavares ainda respondeu a algumas perguntas e saiu atabalhoadamente, ajudado pelos seguranças que empurravam quem estivesse à frente para tirar dali o ministro rapidamente.

Relato este episódio, porque ele me marcou profissionalmente. Nesse dia aprendi as “regras do jogo”. E a regra principal é que não há regras. Um repórter tem uma missão muito clara que é a de reportar e para isso tem de saber o que perguntar, quando perguntar e não desperdiçar nenhuma oportunidade para o fazer.

¹⁵ A CMVM é a Comissão de Mercados de Valores Mobiliários.

Mas um repórter não está sozinho nessa tarefa, tem ao seu lado, normalmente, outros repórteres que têm exatamente a mesma função e os mesmos objetivos. Dentro dos limites da boa educação e do bom senso é preciso garantir que as nossas perguntas fazem sentido e depois fazer ouvi-las para que o nosso trabalho seja profissional. Esta aprendizagem foi continuando todos os dias, em todas as reportagens, independentemente do espaço geográfico.

O ano de 2004 foi provavelmente dos mais importantes na minha carreira de jornalista de televisão. Se quase tudo era uma novidade, os dias eram necessariamente de uma aprendizagem imensa.

A palavra ‘crise’ já fazia parte da semântica de alguns economistas, considerados na altura os velhos do Restelo. Eram criticados pela classe política, que preferia o anúncio de grandes investimentos, fossem eles rodoviários para encher o olho das populações, fossem ao nível do chamado Estado Social que também garante alguns votos a quem quer ser reeleito.

O verão de 2004 havia, no entanto, de ficar marcado pela ameaça de crise política provocada pelo anúncio de que Durão Barroso poderia vir a ser o próximo presidente da Comissão Europeia.

À época a minha participação nos temas de política era praticamente inexistente, pelo que acompanhei mais à distância, todas as mudanças que se operaram no país.

O Presidente da República, Jorge Sampaio, decide dar posse a Santana Lopes como primeiro-ministro, ele que era o vice-presidente de Durão Barroso no PSD e seria, portanto, a escolha natural para lhe suceder.

Com Santana Lopes veio António Bagão Félix para o Ministério das Finanças e, na SIC, o meu trabalho passou a ser o de acompanhar mais de perto os temas relacionados com o Orçamento do Estado, aquilo a que os economistas chamam de macroeconomia. Mais tarde, António Bagão Félix acabaria por marcar a minha carreira de outra forma: foi com ele que fiz o meu primeiro direto em televisão.

2.4 - O primeiro direto



Ilustração 2: Direto de um incêndio num prédio em Campo de Ourique - 2011

O direto faz parte do trabalho em televisão e é uma experiência desigual para os jornalistas. Se para uns é claramente uma tarefa aliciante, para outros é uma experiência aterradora pela pressão que implica, pela ausência de suporte escrito e pelo imediatismo a que obriga um profissional de televisão.

Até fazer o meu primeiro direto não sabia bem em que categoria de jornalistas me incluía, se nos primeiros ou nos segundos. Tinha a perceção de que iria gostar da experiência mas tinha, ao mesmo tempo, o receio natural de quem nunca a tinha tido e, por isso, por muito que aguardasse com expectativa o meu primeiro direto, nunca o provoquei nem o forcei junto dos meus superiores.

Um dia, o meu editor de economia, Luís Ferreira Lopes, perguntou-me se alguma vez tinha feito um direto. Respondi que não e ele retorquiu: “então é hoje”.

A tarefa era aparentemente simples e adequada para um jornalista que iria ter a sua primeira experiência em direto. O ministro das Finanças, António Bagão Félix, iria participar numa conferência organizada pela AIP¹⁶ no Centro de Congressos de Lisboa. O meu papel seria fazer um direto que transmitisse parte do discurso do então ministro,

¹⁶ Associação Industrial Portuguesa

ou seja, “abrir o direto”, deixar que se visse e ouvisse parte do discurso e “fechar o direto”.

Teria de falar pouco, mas teria de o fazer numa sala cheia de gente, o que me obrigava a falar num tom de voz baixo para não incomodar ninguém. Teria de ser rápido no “lançamento” do ministro e mais rápido ainda no resumo final, uma vez que estaria em direto para o Jornal de Economia da SIC Notícias das 18h15, que era necessariamente curto e tinha outras notícias para dar.

Considereei normal o nervoso miudinho nestas circunstâncias e avancei para o Centro de Congressos, onde já me aguardava o carro de exteriores da SIC. À hora combinada, a pivô de serviço, Joana Gomes Cardoso “chamou-me” pelo auricular e eu comecei o direto.

Daquele momento guardo duas ou três memórias que me servem de consolo até hoje: não me engasguei, não parei de falar e não transmiti nenhuma informação errada. Quanto ao resto, deixei que fossem outros a avaliar a minha prestação. A crítica foi positiva e depois do primeiro direto vieram o segundo, o terceiro e o quarto nos anos seguintes.

A minha perceção inicial estava afinal correta e eu, definitivamente, encaixava-me no grupo de jornalistas que consideram um direto uma tarefa aliciante.

Nunca perdi, até hoje, o nervoso miudinho antes de começar a falar e receio que algum dia o perca. É esse nervoso que me mantém focado no que vou dizer, que me obriga a concentrar e que, de alguma forma, me responsabiliza.

O direto faz parte da televisão e não concebo esta profissão de outra forma. Não nego também, que para um jornalista se colocar à frente de uma câmara, sem papel e sem margem para falhar, precisa de ter uma grande autoestima, o que muitas vezes é confundido com soberba e arrogância, erradamente nuns casos, corretamente noutros.

Há, no entanto, uma coisa que sei: para se trabalhar em televisão é preciso confiança em nós próprios. É preciso conhecimento, estudo, treino, mas é indispensável um grau de confiança que não nos deixe vacilar quando nos gritam ao ouvido “fala”.

2.5 - A primeira viagem

O ano de 2004 havia ainda de ficar marcado por uma nova crise política, que levou mesmo à queda do Governo de Pedro Santana Lopes. Antes disso, haveria ainda de ter oportunidade de fazer a primeira reportagem fora do país.

Paulo Portas, então Ministro da Defesa, foi a Milão, em Itália, receber as chaves dos novos helicópteros da Força Aérea Portuguesa, os Merlin EH101.

Ainda que curta, não deixou de ser a minha primeira experiência de trabalho fora do país e, mais uma vez, a pressão que sentia era significativa. Trabalhar fora do país não é exatamente a mesma coisa que fazer uma reportagem em Lisboa, sobretudo pela limitação de tempo.

Neste caso, partimos de véspera para o aeroporto de Malpenza, em Milão, e a reportagem só seria feita no dia seguinte. A visita de Paulo Portas aos hangares da empresa *Augusta Westland* foi em passo acelerado, os discursos curtos, seguidos de uma pequena demonstração dos novos aparelhos ao ministro. Tinha dez minutos para gravar um “vivo”¹⁷, expressão utilizada em televisão quando o repórter se coloca em frente à câmara para dar, na primeira pessoa, parte da informação.

O voo que me devia trazer de volta a Lisboa chegaria já depois do Jornal da Noite, o que me impediria de colocar a reportagem em tempo útil no ar. A única forma de chegar a tempo seria regressando com a comitiva do ministro no Falcon da Força Aérea Portuguesa e foi o que aconteceu. A reportagem entrou no Jornal da Noite.

2005

O ano de 2005 foi o ano de viragem política. José Sócrates venceu as eleições legislativas de fevereiro e tornou-se Primeiro-ministro.

Uma noite eleitoral numa redação é, provavelmente, das experiências que mais prazer podem dar a um jornalista, pelo menos no meu conceito de jornalista. A correria da informação de última hora, os discursos, as reações e as consequências políticas que se retiram de uma noite eleitoral que, para melhor ou para pior, mudam o país, são ingredientes da profissão de que não abdicó.

¹⁷ “Vivo” ou *stand up* é quando o jornalista transmite parte da informação em frente à câmara.

Não tinha feito a campanha eleitoral, mas fui convocado para a maratona informativa que a SIC e a SIC Notícias tinham programado para uma noite que se pretende ágil, eficiente e sem erros ou, na melhor das hipóteses, com o mínimo de falhas.

O que aprendera no programa “Negócios da Semana” e os contatos que tinha feito, haviam de revelar-se cada vez mais úteis daí para a frente. O ministro das finanças escolhido por Sócrates foi Luís Campos e Cunha, economista e professor universitário, com quem já tinha privado várias vezes por força do trabalho que desenvolvia no programa apresentado por José Gomes Ferreira.

Contratualmente já tinha passado a efetivo na SIC e isso significaria alguma coisa em relação ao trabalho desenvolvido no ano anterior.

A 2 de Abril de 2005, depois de dias de incerteza em torno da saúde de João Paulo II e depois de horas infinitas na SIC à espera da infeliz notícia, o coordenador do dia mandou para casa, quem já devia ter saído há várias horas. Foi o que fiz.

Quando estava a sentar-me à mesa para o jantar mais ou menos tardio olhei para a televisão e lá estava a frase de última hora a anunciar a morte de João Paulo II. Engoli o que estava no prato e voltei para a SIC, tal como alguns colegas. A noite informativa prometia ser longa, com reações, perfis e antevisões da sucessão.

Não me recordo a que horas saí nesse dia nem isso é relevante mas, depois de experiências idênticas durante a II Guerra no Iraque e durante o processo Casa Pia, ainda no decorrer do estágio, este era provavelmente o acontecimento mediático mais relevante em que estava envolvido, ainda que na redação.

A ideia de que só quem está no centro dos acontecimentos, neste caso no Vaticano, é que os vive verdadeiramente é completamente errada. É óbvio que é diferente e que as notícias têm outro impacto, provocam outras emoções, mas não é menos verdade que numa televisão são precisos profissionais numa redação e tantos outros atrás das câmeras, para que a informação chegue aos telespectadores.

Não haveria de passar muito tempo até que fosse conhecido o novo Papa. O cardeal Joseph Ratzinger foi escolhido pelos seus pares e tornou-se o Papa 265 da história da Igreja Católica, o Papa Bento XVI.

Nova maratona informativa, desta vez durante vários dias até que houvesse fumo branco na capela Cistina e nova agitação na redação. Nesses dias, não há jornalistas de economia, de política ou de desporto, há uma equipa que trabalha para o mesmo objetivo: ser a mais rápida e a melhor a dar informação.

Meses depois, em outubro haveria eleições autárquicas, que o PSD ganharia por conseguir mais camaras, apesar de ter menos votos. Nova noite eleitoral, que só havia de repetir-se 4 anos depois.

2.6 – OPA

2006

As minhas incursões noutros temas, que não os económicos, nunca me desviaram totalmente da economia. 2006 haveria de ser, de resto, um ano cheio de notícias nesta área, que me obrigariam a dominar novas temáticas, novos conceitos e a conhecer novos protagonistas.

Em fevereiro desse ano, Belmiro de Azevedo surpreendeu o país com o anúncio de uma Oferta Pública de Aquisição da Portugal Telecom. A notícia caiu que nem uma bomba e abriu telejornais durante meses. Afinal a Sonae era uma empresa de menor dimensão que a PT que, por sua vez, era (e ainda é) considerada uma bandeira nacional. O anúncio da OPA veio animar a classe de jornalistas económicos, tantas vezes incompreendidos por tratarem temas considerados “chatos” e a quem agora todos recorriam para acompanhar aquele que poderia vir a ser um dos maiores negócios alguma vez feito em Portugal.

O volume de informação diária sobre este assunto era impressionante. Dos dois lados, da Sonae e da Portugal Telecom, todos os dias chegavam às redações dados suplementares sobre as intenções de uma e de outra parte, vantagens e desvantagens do negócio, críticas, análises, opiniões dos mais diversos quadrantes que defendiam ora o sucesso do negócio ora a sua morte ainda à nascença.

E é a partir daqui que retiro uma das maiores lições da minha carreira de jornalista: a destriça não é fácil de fazer e a isenção é ainda mais difícil de manter, quando tanta gente se considera perita numa matéria. Nós, jornalistas, somos apenas o veículo da informação, a quem cabe escolher, interpretar e transmitir de forma clara. Interpretar: acredito piamente que essa é, provavelmente, uma das tarefas mais difíceis de um jornalista.

Se o nosso papel fosse apenas de transmissor, não precisávamos do título de jornalistas, bastava que nos chamassem mensageiros. Nós somos mensageiros, mas somos paralelamente quem tem de separar o trigo do joio, quem tem de saber ler nas entrelinhas e quem tem de encontrar a melhor forma de clarificar a mensagem para que o maior número possível de pessoas a apreenda e compreenda.

A OPA da Sonae sobre a PT foi uma excelente escola nesse capítulo. A informação e contra informação era muita, de ambas as partes, e se à equação somarmos o Governo, parte interessada, então a nossa tarefa tornava-se ainda mais difícil. A PT manifestou-se contra a oferta da Sonae desde o primeiro dia, bem como o Governo de José Sócrates. Havia ainda que considerar os vários acionistas da Portugal Telecom, que

seriam quem, em última instância, iria decidir da virtude da proposta. Foram meses agitados até à Assembleia Geral da Portugal Telecom, onde tudo ficou decidido.

O dia da Assembleia Geral era há muito aguardado pelos jornalistas que tinham acompanhado este tema. Seria o dia de todas as decisões, mas também um dia de emissão especial nos canais de 24 horas de informação como a SIC Notícias. A operação foi preparada de véspera por mim e pela Joana Nabais, minha colega na editoria de Economia.

O que mais nos preocupava não era a informação e o contexto das notícias, esses, nós conhecíamos bem. A grande preocupação era antes conhecer aqueles que seriam os protagonistas daquele dia, acionistas da PT, que iriam votar a favor ou contra a proposta da Sonae. Para isso procurámos a fotografia de cada um dos representantes dos acionistas para que, em direto, os conseguíssemos reconhecer e os pudéssemos entrevistar. A ideia, por perfeita que pudesse parecer, tinha as suas vicissitudes, como demonstrarei a seguir.

À hora marcada para o início da Assembleia Geral começaram as chegar todos aqueles que tinham assento na reunião magna da Portugal Telecom. Se uns eram fáceis de reconhecer, os outros, os tais representantes dos acionistas que nunca tinham dado uma entrevista ou que não eram tão mediáticos, tornavam-se mais difíceis de identificar. Quando isso acontecia, recorria à “cábula” que eu e a Joana Nabais tínhamos feito na véspera.

No meio da multidão que entrava no Centro de Congressos de Lisboa, pareceu-me identificar o representante da Telmex, a operadora mexicana com participação na PT. Corri em direção ao senhor de gravata e a restante comunicação social correu atrás de mim. Fiz todas as perguntas que se impunham naquele momento, sem nunca obter resposta, até que o senhor se fartou e disse: “ouça, eu não sou quem você pensa que eu sou”. E não era, tinha apenas parecenças com a fotografia que estava na minha “cábula”. Naquele preciso momento, em que me afundava numa profunda vergonha disfarçada com um sorriso para os meus colegas jornalistas, o representante da Telmex estava no exterior a ser entrevistado por outros jornalistas.

A última revisão de preço atirou a proposta da Sonae sobre a PT para 11 mil e 800 milhões de euros, ainda assim, insuficiente para convencer os acionistas, entre eles o Estado. Soube-se mais tarde que José Sócrates havia dado instruções para que todos os representantes do Estado votassem contra a proposta.

2.7 – Grande Reportagem

Foi na sequência desta OPA e de outras que se seguiram na bolsa portuguesa que surgiu o convite para fazer uma Grande Reportagem ¹⁸, uma das imagens de marca da SIC.

A ideia era retratar o momento de euforia que a Bolsa vivia, perceber como é o dia-a-dia dos corretores, as diferenças que as novas tecnologias introduziram neste negócio e contar um pouco da história da Bolsa em Portugal. “Febre da Bolsa” foi um desafio que abracei com entusiasmo e que me deu oportunidade de conhecer melhor este mundo sobre o qual tanto escrevi, mas que não tinha ainda tido oportunidade de conhecer por dentro.

Durante um mês acompanhei, em Lisboa e no Porto, o dia de dois corretores, com perfis e estilos completamente distintos. Entrevistei investidores, filmei a Euronext Lisbon ¹⁹ e a CMVM que regula o mercado e entrei nos primeiros edifícios da Bolsa, em Lisboa e no Porto, para uma viagem no tempo com os primeiros corretores em Portugal.

A Grande Reportagem foi para o ar no dia 29 de abril de 2006, no Jornal da Noite da SIC.

¹⁸ A Grande Reportagem é um programa de informação da SIC várias vezes premiado nacional e internacionalmente.

¹⁹ Euronext Lisbon é a bolsa de valores de Lisboa. Pertence ao grupo NYSE Euronext.



Ilustração 3: Logótipo do programa de informação da SIC Grande Reportagem

Título: “A Febre da Bolsa”

Emitida: Jornal da Noite

Data: 29 de Abril de 2006

Link: <http://videos.sapo.pt/5lrMSR1yjW5uk3aMQf50>

Em 2006, outro negócio havia de ficar na história do país. A TAP comprou a VEM, empresa de manutenção da brasileira Varig, num negócio que custou à Transportadora Aérea Portuguesa cerca de 20 milhões de euros.

Parti nesse ano para o Brasil, para uma reportagem sobre esta transação que me levou a Porto Alegre e ao Rio de Janeiro para conhecer os hangares onde a VEM trabalha. O negócio, esse, veio a revelar-se mais tarde desastroso para as contas da TAP.

2.8 - Uma semana de incêndios

Chegados a agosto de 2006, mês de férias e de incêndios por excelência, parti de Lisboa, a um sábado, para fazer a cobertura de um incêndio na zona de Santarém e regressei uma semana depois.

O país ardeu, nesse ano, em vários concelhos e a SIC tinha equipas distribuídas pelos maiores e mais graves incêndios. A experiência, nova para mim, permitiu-me aprender a trabalhar sob circunstâncias muito complicadas, debaixo de calor intenso, muito fumo e em locais nem sempre recomendáveis para a segurança de uma equipa de reportagem.

A este propósito vale a pena relatar um episódio passado nessa semana de Agosto. Em São Pedro do Sul, local onde quase todos os anos há incêndios de grandes dimensões, o dia tinha sido difícil para mim e para o repórter de imagem que me acompanhava desde o início. Depois do direto para o Jornal da Noite, estávamos os dois muito cansados e a precisar de uma refeição digna desse nome, mas sobretudo, precisávamos de um banho, tamanha era a sujidade que nos cobria os corpos e a roupa.

Ficámos durante uns minutos a olhar para as chamas que ardiam no alto da serra e que pareciam circunscritas pelos bombeiros. Uma dúvida assolava-nos o espírito naquele momento: Será que podemos ir embora? Ficámos mais um pouco até que, de forma absolutamente imprevisível, o vento começou a soprar com força, tanta força que as chamas ganharam uma dimensão ainda mais assustadora e voltaram a ficar descontroladas. O incêndio que parecia circunscrito deixou claramente de estar e a agitação dos bombeiros voltou a fazer-se sentir. Recordo-me de ter olhado para o repórter de imagem e de termos pensado os dois a mesma coisa. Não podemos ir embora. Com o cair da noite a situação agravou-se e uma aldeia próxima ficou ameaçada pelas chamas deixando em pânico todos os moradores.

Nestes momentos instala-se um dilema na cabeça de um jornalista que é o de saber se largamos o microfone e vamos ajudar quem tem a casa em perigo, ou se continuamos o nosso trabalho sem mais. Descobri nesse dia que as duas coisas são compatíveis. Por momentos largámos tudo e fomos ajudar no que pudemos mas no dia seguinte tínhamos as imagens que mais ninguém tinha daquele incêndio e que retratavam uma noite de pânico, que não terminou da pior forma porque os bombeiros e os populares o conseguiram evitar.

Às seis da manhã estava a ligar para a redação para falar com o coordenador da “Edição da Manhã”. Julgava ele que tínhamos acabado de acordar, quando lhe disse que não tínhamos ainda ido à cama. Enviámos as imagens que tínhamos daquela noite para Lisboa e fizemos direto às sete da manhã para a SIC Notícias. Só depois fomos descansar.

2007

A Grande Reportagem, a Reportagem Especial e o Perdidos e Achados ²⁰ são imagens de marca da SIC e uma referência no meio audiovisual em Portugal. Pela qualidade que têm, comprovada pela audiência e pelos prémios que já conquistaram e por serem, de alguma forma, pioneiras na televisão portuguesa. Poder inscrever o nosso

²⁰ Perdidos e Achados é um programa de informação da SIC e da SIC Notícias que consiste numa grande reportagem que procura mostrar a evolução de uma determinada história feita pela SIC no passado.

nome em produtos deste nível é um orgulho, mas ao mesmo tempo, uma responsabilidade acrescida.

Em 2007, fui desafiado pela jornalista Sofia Pinto Coelho, coordenadora à época do programa Perdidos e Achados da SIC e da SIC Notícias, para fazer uma reportagem sobre a vidreira Manuel Pereira Roldão, da Marinha Grande. O caso era-me muito familiar, não só porque sou daquela região do país, mas também porque acompanhei - na altura à distância e pela comunicação social - o drama que aquela cidade viveu com a crise vidreira. Foram várias as empresas desta indústria que fecharam a meio da década de 90 atirando para o desemprego milhares de pessoas.

A Marinha Grande, que é hoje um concelho vocacionado para a indústria dos moldes, atravessou um período negro da sua história com muitas manifestações e convulsões sociais que acabaram por resultar muitas vezes no confronto com a polícia. Para a história ficaram as imagens das cargas policiais, os relatos de famílias sem dinheiro para comer e a resposta política, ou a falta dela, na altura.

Foi este período que me propus retratar no Perdidos e Achados de 9 de Junho de 2007, tentando ao mesmo tempo perceber onde estavam algumas destas pessoas, como tinha evoluído a vida delas e que cidade era agora a Marinha Grande.

A reportagem feita com o repórter de imagem Manuel Ferreira levou-nos à casa de uma família com uma história particularmente triste. Com o encerramento da Manuel Pereira Roldão, o único sustento daquela casa, a vergonha do marido por não conseguir alimentar os filhos levou-o ao suicídio. Esta foi apenas uma, das muitas histórias relatadas nesta reportagem.

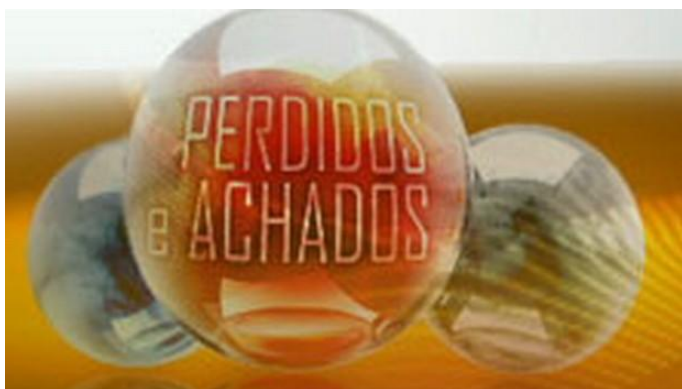


Ilustração 4: *Logótipo do programa Perdidos e Achados*

Título: “Pereira Roldão”

Emitida: Jornal da Noite

Data: 9 de junho de 2007

Link: <http://videos.sapo.pt/oRpTnJsYgALzko5zyTol>

2.9 - O caso BCP

De regresso à economia, a área que me acolheu em 2004, o setor financeiro estava nas primeiras páginas dos jornais quase todos os dias, em particular o BCP. O banco fundado por Jardim Gonçalves estava numa guerra interna desde que o fundador abandonou a presidência e a entregou a Paulo Teixeira Pinto. As televisões que, por norma, não atribuíam grande importância às assembleias gerais dos bancos, passaram no caso do BCP a acompanhá-las com a máxima atenção com diretos de hora a hora nos canais de notícias.

Na SIC acompanhei esta matéria desde o primeiro dia. O assunto, ainda que não afetasse diretamente a vida dos portugueses, não deixava de ter relevância uma vez que se tratava do maior banco privado português.

O verão de 2007 foi particularmente quente para o BCP. As assembleias gerais, todas no Porto, sucediam-se e a guerra entre Jardim Gonçalves e Paulo Teixeira Pinto assumia proporções nunca antes vistas entre duas individualidades tão distintas do país.

Em termos jornalísticos, o maior desafio para mim enquanto profissional de televisão, passava por conseguir explicar aos telespectadores os meandros desta verdadeira novela, numa linguagem perceptível a todos e escolhendo apenas a informação que de facto era mais relevante.

O setor financeiro não é um tema fácil de explicar ao grande público e quando estamos perante uma guerra aberta ainda que, ao início, dissimulada, a tarefa de um jornalista torna-se ainda mais difícil. Foi preciso chegar à fala com muitos acionistas do banco, travar um conhecimento que não existia até então e ser muito cuidadoso para não ser manipulado.

O uso do *off the record*²¹ era o mais frequente nesta história, o que em televisão condiciona o trabalho em grande medida. Televisão é imagem e um *off the record* obriga, muitas vezes, o jornalista a dar a cara por uma informação que outros não quiseram reproduzir, defendendo sempre as fontes e procurando sempre não desvirtuar nem ser desvirtuado.

Mais tarde o BPI haveria de avançar com uma proposta de fusão com o BCP, que acabou por ser recusada pelos acionistas do banco. Esse seria o último episódio de uma longa história que acabou com a saída de Paulo Teixeira Pinto da presidência do banco. Mais tarde percebeu-se que o BCP, aparentemente um banco sólido e pujante,

²¹ Declarações feitas à comunicação social, que não devem identificar a fonte

tinha afinal muito mais escondido do que se imaginava. A crise de 2008 veio colocar tudo a nu.

2.10 - Macau

O ano de 2007 não haveria de terminar sem que tivesse oportunidade de fazer mais uma reportagem especial. Desta vez, o desafio passava por aceitar o convite do Turismo de Macau para conhecer e dar a conhecer uma ex-colónia portuguesa, oito anos depois da transição para a administração chinesa.

O coordenador da Grande Reportagem da SIC traçou o foco, logo à partida: Macau tornou-se em 2007 a região do mundo, que mais faturava nos casinos ultrapassando mesmo Las Vegas, que tendo mais casas de jogo, acabava de ser ultrapassada por Macau.

Fazer uma reportagem sobre casinos, para televisão, tem uma dificuldade acrescida que é a de conseguir filmar uma sala de jogo em plena hora de ponta. Em qualquer parte do mundo os casinos procuram proteger o melhor possível os apostadores, pelo que se torna difícil falar de um assunto em televisão sem imagens para o ilustrar. O meu desafio era, portanto, tentar filmar um casino por dentro e, se o conseguisse, teria espaço na rubrica “Reportagem Especial” do Jornal da Noite.

Chegado a Macau procurei as autorizações que me faltavam para poder concretizar a reportagem. Não foi uma tarefa fácil, ouvi várias recusas, mas acabei por conseguir a dita autorização. Pela primeira vez uma equipa de reportagem entrava na gigante sala de jogo do novíssimo e maior casino do mundo, o *Venetian*.

Foram cinco dias de trabalho intenso, com o repórter de imagem Jorge Guerreiro, que exigiram muitas vezes sair do hotel a altas horas da noite para filmar a agitação das ruas cheias de turistas que vagueavam de uns casinos para os outros à procura da sorte que lhes fugia.

A administração chinesa é particularmente cuidadosa com os jornalistas e as regras que nos estavam impostas tornavam impossível uma reportagem com mais de dez minutos. Não se podia filmar na rua, não se podiam filmar os velhos do jardim a jogar a dinheiro, só se podia filmar o que os responsáveis pela nossa estadia em Macau autorizassem. Foi preciso contornar muitos desses obstáculos e chegar à fala com pessoas importantes naquela região administrativa da China.

O potencial jornalístico daquela reportagem justificava tamanho investimento, ainda que muita informação se tenha perdido pelas limitações que nos foram impostas.



Ilustração 5: *Logótipo do programa de informação Reportagem Especial*

Título: “Macau: o casino do mundo”

Emitida: Jornal da Noite

Data: 17 de Dezembro de 2007

Link: http://www.youtube.com/watch?v=v_ca4mwN8x0

A viagem a Macau serviu ainda para assinalar outro facto jornalístico interessante. Em 2007, assinalavam-se oito anos da transição de Macau para a soberania chinesa. Se em 1999 muitos portugueses regressaram a Portugal, o movimento que pude constatar durante esta visita foi o oposto.

Muitos portugueses, sobretudo jovens licenciados, procuravam em Macau a oportunidade de emprego que Portugal não tinha para lhes oferecer. Percebi isso mesmo numa conversa de ocasião com alguns jornalistas portugueses que trabalhavam na Rádio Macau, uma rádio feita em português a pensar na vasta comunidade lusa que continuava a residir nesta península chinesa. Retratar esta realidade pareceu-me a mim, e ao repórter de imagem que me acompanhava, uma forma de retratar também a realidade de Portugal.

Pedi ajuda aos jornalistas que conheci para que me apresentassem mais portugueses, com formações e profissões diferentes e que concordassem com a reportagem. Um *atelier* de arquitetura, gerido por um português e com uma equipa de jovens arquitetos, um escritório de advogados, também ele repleto de portugueses e a Rádio Macau, com uma redação portuguesa, foram o suficiente para construir uma reportagem que foi emitida no Jornal da Noite da SIC, precisamente no dia em que se assinalavam os oito anos sob a transição de Macau de Portugal para a China.

2.11 - Crise mundial

2008

Se em 2007 já se começava a perceber que alguma coisa não ia bem na economia mundial, em 2008 as suspeitas - os que suspeitaram - confirmaram-se e não será exagerado considerar que a realidade veio a revelar-se muito pior do que qualquer suspeita fazia prever.

Nesse ano aprendi o significado da palavra *subprime* ²², um jargão inglês que servia de designação para uma crise que ninguém conseguira prever, pelo menos na dimensão que veio a assumir.

A economia, tema pouco apetecível para os telespectadores e, por contágio, para os coordenadores dos jornais da SIC e da SIC Notícias, começava lentamente a assumir um papel cada vez mais preponderante nos telejornais. Era preciso compreender o que se passava nos Estados Unidos da América, país onde esta crise havia nascido, e sobretudo tentar informar o nosso público sobre as consequências que ela poderia vir a ter em Portugal e na Europa.

A primeira tarefa a que tive de me dedicar foi a de compreender os meandros desta crise. O que significava a crise do *subprime*, como é que ela tinha nascido, como estava a desenvolver-se e até onde podia arrastar-se.

O Jornal da Noite da SIC tinha, na altura, uma rubrica semanal intitulada "Aqui e Agora" ²³, um espaço onde todas as semanas se desenvolvia com mais detalhe um tema da atualidade, seguido do comentário em estúdio feito por um painel de comentadores fixos.

O desafio que me foi colocado tinha tanto de interessante como de difícil. Explicar, de forma mais desenvolvida, o que era a crise do *subprime*. Se por um lado esta reportagem me dava a oportunidade de aprender, ela dava-me também a responsabilidade de informar os telespectadores de forma concisa e clara sobre uma matéria que era, em tudo, complexa e com vários capítulos.

²² *Subprime* é a designação inglesa para crédito de risco. A crise financeira mundial de 2008 ganhou esta designação por se tratar de uma crise de crédito.

²³ "Aqui e Agora" foi uma rubrica do Jornal da Noite da SIC constituída por uma reportagem e por um debate em estúdio, com um painel fixo de comentadores.

Durante dois dias entreguei-me à tarefa de tentar compreender a crise. Li e falei com muita gente, economistas, corretores, gente ligada ao mercado de capitais e a todos fiz sempre o mesmo pedido: "explique-me como se eu tivesse cinco anos". A reportagem foi gravada em estúdio, recorrendo a uma animação 3D, que explicava a origem da crise, a forma como ela estava a desenvolver-se e os cenários possíveis que se colocavam naquela altura sobre o seu desfecho.

No final de 2008, o país começou a perceber que a crise do *subprime* tinha, afinal, um fim impossível de prever. Dois bancos portugueses colapsaram e precisaram da ajuda do Estado. O anúncio da nacionalização do BPN ²⁴ foi feito a um domingo pelo ministro das finanças, Fernando Teixeira dos Santos e pelo Governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio. Acompanhei em reportagem esse anúncio e todos os desenvolvimentos deste processo que ainda hoje não está fechado.



Ilustração 6: Entrevista ao ex-presidente do BPP, durante a crise que afetou o banco em 2008

Paralelamente acompanhei os problemas que afetaram o BPP ²⁵, banco que acabaria por fechar portas e cujos processos correm ainda em tribunal. O final de 2008 teve tanto de preocupante, como de interessante do ponto de vista jornalístico.

²⁴ O BPN foi um dos maiores escândalos financeiros em Portugal desde o 25 de Abril, que levou mesmo à nacionalização do banco, entretanto já reprivatizado.

²⁵ O Banco Privado Português foi declarado insolvente e está, ainda hoje, envolvido em múltiplos processos em tribunal.

2.12 – Campanhas eleitorais



Ilustração 7: Cobertura em direto da noite eleitoral do Bloco de Esquerda nas legislativas de 2009.

2009

Foi no contexto de uma crise imprevisível que Portugal entrou no ano de 2009, um ano marcado igualmente do ponto de vista político por três atos eleitorais que também cobri.

As primeiras eleições foram europeias. Coube-me acompanhar o cabeça de lista do Bloco de Esquerda, Miguel Portas, durante os 15 dias de campanha eleitoral. Era a minha primeira cobertura eleitoral. No passado tinha já feito várias noites eleitorais na redação da SIC, dando apoio aos colegas que estavam nas sedes partidárias, mas nunca tinha partido para a estrada para acompanhar um candidato.

O Bloco de Esquerda era um partido que recolhia a simpatia de muitos jornalistas por ser pequeno e pela proximidade entre os seus dirigentes e os repórteres. Fazer a cobertura deste partido tinha, por isso, o desafio acrescido de não me deixar toldar por essa proximidade fácil que existia naturalmente entre quem faz política e quem tem de a reportar de forma isenta.

A SIC teve desde a sua origem uma forma muito própria de fazer reportagem, mais criativa e interpretativa e menos de relato puro e simples dos acontecimentos. Foi nessa escola que cresci como profissional e foram esses os ensinamentos que procurei implementar na cobertura da campanha do Bloco de Esquerda. Isso refletiu-se muitas

vezes na forma como as reportagens eram feitas, procurando informação para além da que nos é fornecida pela máquina partidária, tentando “desmontar” um comício preparado para as câmeras de televisão, de forma a passar a imagem de sala cheia, quando na verdade o número de pessoas não ultrapassa algumas dezenas.



Ilustração 8: Entrevista durante a campanha eleitoral do Bloco de Esquerda em 2011

Em 2009 haveria ainda de fazer a cobertura da campanha do Bloco de Esquerda nas eleições legislativas de Setembro e nas autárquicas de outubro. Foram semanas a percorrer o país de norte a sul, à procura de novos ângulos de abordagem, de novas histórias que marcassem a diferença face à concorrência e procurando sempre ser o mais fiel possível à realidade de cada iniciativa de campanha.

Entre estes três atos eleitorais, depois de uma conversa com uma fonte, surgiu a oportunidade de fazer uma reportagem alargada sobre um tema que era claramente de interesse público. Dois investimentos de grande dimensão tinham sido recusados pela AICEP, na comissão que atribuía o estatuto de Projeto de Interesse Nacional (PIN).

No caso, tratava-se de projetos para a construção de parques temáticos de grande dimensão em Portugal, que prometiam um investimento de vários milhões de euros e a contratação de muita mão-de-obra. A reportagem foi emitida no espaço semanal do Jornal da Noite “Primeiro Plano”²⁶.

²⁶ Primeiro Plano era uma rubrica do Jornal de Noite, composta por uma reportagem de média dimensão.



Ilustração 9: *Logótipo do Jornal da Noite onde era emitida a rubrica Primeiro Plano*

Título: “Investimentos recusados”

Emitida: Jornal da Noite

Data: 24 de Março de 2009

Link: <http://rd3.videos.sapo.pt/UCywCiJz0Jv4sEj4kRVz>

Em maio do mesmo ano parti para a Turquia para acompanhar a minha primeira viagem oficial do Presidente da República. Durante uma semana, Cavaco Silva estaria em Ankara, Istambul e Capadócia, numa altura em que a Turquia tinha voltado a fazer pressão para entrar na União Europeia.



Ilustração 10: *Presidente da República a conversar informalmente com os jornalistas na viagem de avião para a Turquia – 2009*

As viagens oficiais são sempre um contra relógio para os jornalistas, obrigados que estão a acompanhar o chefe de Estado em todos os seus encontros. Encontrar tempo para fazer e enviar as reportagens para Lisboa é um desafio permanente, sobretudo se tivermos em conta que estamos num país estrangeiro, onde não conhecemos as estradas nem tão pouco temos a noção do tempo que demoramos a chegar ao nosso destino.

A SIC nunca ficou sem a informação mais importante do dia do Presidente da República. O trabalho durante esta viagem correu bem. Mas nem sempre é assim.

2010

A crise agravou-se significativamente em 2010, ainda assim as repercussões em Portugal eram até agora pouco visíveis, sentindo-se apenas no setor financeiro.

As imagens de filas à porta dos bancos noutros países²⁷ chegavam para assustar e as comparações com a grande depressão de 1929 começavam a suceder-se. A falência da Islândia em 2009 mostrou ao mundo uma realidade que já poucos consideravam ser repetível e os riscos de que essa realidade se pudesse alastrar a outros países era cada vez maior.

O volume de informação económica aumentava todos os dias e as notícias que chegavam de fora eram cada vez mais preocupantes. No início de 2010 a Grécia começou a ser notícia em Portugal, pelas dificuldades financeiras que atravessava e sobretudo pelos juros cada vez mais altos que este país pagava para se poder financiar.

Recordo-me de uma manchete do Jornal de Negócios que abordava precisamente esse tema e onde constavam duas expressões desconhecidas para a maioria da população portuguesa: *yields*²⁸ e *CDS*²⁹.

Esta nova realidade obrigava-me a estudar novos conceitos e a procurar compreender a informação que me chegava todos os dias e que precisava de ser tratada e divulgada aos telespectadores de forma simples e clara para que o maior número de pessoas a conseguisse apreender.

²⁷ O Northern Rock foi o primeiro banco europeu, em muitos anos, a ter filas clientes à porta para levantar o seu dinheiro.

²⁸ *Yields* é a designação inglesa para juros

²⁹ *CDS - Credit Default Swap* – seguros de crédito negociados num mercado paralelo ao dos *yields*

Em abril de 2010, o que todos julgavam impensável num contexto de moeda única, aconteceu. A Grécia pediu ajuda externa e admitia com isso que estava na bancarrota. O tema monopolizou os telejornais das televisões portuguesas durante muito tempo, enviaram-se equipas de reportagem para Atenas e cada reunião em Bruxelas, do Eurogrupo ³⁰, do Ecofin ³¹, de chefes de Estado, tinha uma cobertura mediática como há muito não se via na Europa. Se não era suposto um país da zona euro poder declarar falência, era ainda mais improvável que algum estado membro pudesse abandonar a moeda única. Os tratados não previam tal situação, mas ela colocava-se todos os dias, apesar das declarações sucessivas dos responsáveis europeus.

Profissionalmente, este período exigia um estudo e acompanhamento permanente da situação mas também uma disponibilidade maior, tendo em conta que a minha área preferencial era a economia.

2.13 – Timor 11 anos depois



Ilustração 11: Em Timor, com um nativo, depois da entrevista a Xanana Gusmão – 2010

³⁰ Eurogrupo: reunião dos ministros das finanças dos países da moeda única.

³¹ Ecofin: reunião dos ministros das finanças dos países da União Europeia

2010 haveria de proporcionar-me uma outra experiência profissional muito aliciante. A propósito de uma viagem do presidente do Benfica a Timor, o diretor de informação da SIC desafiou-me para ficar mais uns dias e fazer uma Grande Reportagem sobre esta ex-colónia portuguesa, 11 anos depois do referendo que decidiu o futuro daquele que havia de tornar-se um dos mais jovens países do mundo.

Durante uma semana procurei e entrevistei os protagonistas da independência e fiz o retrato de Timor enquanto pátria que ainda estava a dar os primeiros passos para se afirmar. Da questão da língua (o português é língua oficial, mas as pressões para que o inglês o substitua são fortes), ao poderio económico ainda por explorar, passando pelas guerras políticas que ainda dificultam o progresso, juntei as visões de Xanana Gusmão, de Ramos Horta, de Mário Alkatiri, entre outros, numa Grande Reportagem com o título “Timor: um País por cumprir”.



Ilustração 12: *Logótipo do programa de informação da SIC Grande Reportagem (2)*

Título: “Timor: um País por cumprir”

Emitida: Jornal da Noite

Data: 29 de Agosto de 2010

Link: <http://videos.sapo.pt/0sMpHAtmKY5HG7AcsLhd>

2.14 – A pressão

2011

Uma campanha eleitoral é uma das raras oportunidades para um jornalista conhecer melhor o país onde vive. São pelo menos 15 dias na estrada a trabalhar, 12 a 16 horas por dia, sem queixumes e com a certeza de que só se consegue descansar no dia da reflexão.

O ano de 2011 abriu com as eleições presidenciais. Aníbal Cavaco Silva decidiu recandidatar-se a um segundo mandato e voltou a merecer a confiança política do PSD e do CDS. O seu principal opositor foi o repetente Manuel Alegre, desta vez, apoiado pelo Partido Socialista e pelo Bloco de Esquerda e a mim, coube-me acompanhar esta candidatura.

Se há um denominador comum em todos os candidatos, independentemente da eleição ou da cobertura jornalística que é feita, é o facto de todos considerarem que os órgãos de comunicação social são sempre mais agressivos nas perguntas e mais exigentes nas reportagens, do que com os opositores. Manuel Alegre não foi exceção e se refiro isto é porque, de alguma forma, esta campanha eleitoral me ensinou algo sobre a profissão.

Ao terceiro dia, a atitude do candidato comigo já não era propriamente a mais cordial. As minhas perguntas pareciam incomodá-lo, as minhas reportagens eram alvo de comentários menos simpáticos entre a comitiva, mas a tudo isso reagi sempre com a maior normalidade. Afinal, nem um jornalista está ali para ajudar a eleger ninguém nem o candidato tem que gostar dos jornalistas.

Ao fim de uma semana, José Sócrates, à época primeiro-ministro, juntou-se à campanha e participou num comício de Manuel Alegre em Castelo Branco. O escritor, agora candidato presidencial, nunca se coibira de criticar as políticas do governo, ainda que esse governo fosse da sua família política e a sua família política o estivesse a apoiar nesta campanha. Era a prova da sua independência e de que o melhor dos Presidentes da República não tem necessariamente que seguir à risca a agenda partidária.

A expectativa em relação ao comício de Castelo Branco era grande entre a comitiva de Manuel Alegre, desanimada que estava pelas sondagens que lhe davam uma grande desvantagem face a Cavaco Silva. José Sócrates entrou num pavilhão ao rubro da zona industrial de Castelo Branco, montado ao mais pequeno pormenor pela máquina do partido, que havia produzido a vinda de vários autocarros de diversos pontos do país para garantir que havia sala cheia naquele dia.

José Sócrates cumpriu o papel de líder do PS e assentou o discurso no apoio ao candidato do partido, apesar de todas as diferenças que os dois já tinham assumido publicamente no passado. Quando chegou a vez de Manuel Alegre subir ao palco, depois de uma semana de campanha em que os jornalistas já sabiam de cor o discurso do candidato, os nossos ouvidos estavam particularmente atentos a alguma novidade discursiva.

Manuel Alegre cumpriu o conhecido alinhamento de ataque ao candidato Cavaco Silva, acrescentou-lhe um par de elogios a José Sócrates, o que só por si já era notícia, e no final não resistiu e criticou o corte nas pensões decidido pelo governo socialista. À saída uma jornalista da TVI pergunta a Manuel Alegre se José Sócrates tinha vindo dar um novo ânimo à campanha, questão que o desagradou e muito. “A minha campanha não precisava de ânimo”, respondeu acrescentando de imediato que ele e José Sócrates estavam em perfeita sintonia.

Foi aí, no meio de uma multidão e sempre em andamento, que achei por bem lembrá-lo de que, a sintonia não era assim tão perfeita. “O senhor não se coibiu de criticar a atuação do governo”, atirei enquanto o candidato se preparava já para entrar no carro. Manuel Alegre voltou atrás visivelmente irritado e de dedo em riste. “Onde é que eu critiquei o governo de José Sócrates?” - questionou já num tom de voz elevado. “Quando criticou o corte das pensões”, respondi. “Você não mete na minha boca coisas que eu não disse”, devolveu-me ainda mais irritado enquanto o *staff* da campanha o puxava para longe de mim e todas as televisões filmavam.

O episódio, que foi notícia em vários jornais, acabou por me servir apenas para encerrar a reportagem daquela noite, sem mais. As críticas aos cortes das pensões estavam gravadas e isso bastava. O que ficou de lição deste episódio foi muito mais do que isso.

A importância de manter a calma perante situações adversas como estas, de ter o cuidado de nunca perder a razão e sobretudo conseguir manter a objetividade são exercícios teóricos que só se aprendem verdadeiramente no terreno. Naquela noite a comitiva de Manuel Alegre ameaçou-me com o silêncio do candidato durante o resto da campanha. Isso não só não aconteceu, como no dia seguinte Manuel Alegre já estava novamente a responder às minhas questões de forma educada.

2.15 – Enviado especial ao Japão



Ilustração 13: Cobertura da catástrofe no Japão: um terramoto, um tsunami e uma crise nuclear - 2011

O dia de um jornalista raramente tem hora para começar e seguramente nunca tem hora para acabar. Às oito da manhã de uma sexta-feira o telefone tocou. O coordenador do Primeiro Jornal da SIC pediu-me para correr para a SIC o mais rápido possível e, sem tempo para mais explicações, mandou-me ligar a televisão.

Foi com os olhos ainda semicerrados que vi as primeiras imagens do *tsunami*³² que estava a engolir o Japão. Um terramoto³³, que agora se sabe ter sido de 10.0 na escala de *Richter*, abalou o mar, que por sua vez, invadiu a terra sem misericórdia nem piedade.

Apressei-me a tomar um duche, e durante o banho o meu telefone deu sinal de mensagem. Dizia apenas: “faz a mala”. Quando cheguei à SIC, já com a mala no carro, ainda não acreditava que a viagem para o Japão fosse de facto acontecer. O investimento era enorme e a real dimensão da catástrofe estava ainda por avaliar. Ao fim da manhã tive luz verde para avançar e ao fim da tarde estava a embarcar com destino a Tóquio.

³² Tsunami ou maremoto é uma série de ondas de água causada pelo deslocamento de um grande volume de água, como um oceano ou um grande lago

³³ O terramoto teve o epicentro a 130 km da costa leste da península de Oshika, na região de Tohoku, com o hipocentro situado a uma profundidade de 24,4 km.

As 24 horas que passei dentro de aviões e em aeroportos mudaram muita coisa nesta catástrofe. O terramoto há muito que deixara de ser o principal problema, o *tsunami* já tinha passado, mas o rasto de destruição, os mortos, os feridos e os desaparecidos chegavam aos milhares de cada vez, numa contagem que parecia interminável.

Em cima de tudo isto havia ainda uma potencial catástrofe capaz de fazer um povo desejar o terramoto e o *tsunami* como o menor dos males. Em Fukushima, uma central nuclear fora severamente afetada pelo terramoto e pela onda gigante que se lhe seguiu e começava a dar sinais de rutura. Foi neste contexto que desembarquei no aeroporto de Tóquio com o repórter de imagem, Odacir Júnior.

Na viagem entre o aeroporto e o centro da capital nipónica, entrei pela primeira vez em direto, ao telefone, para a SIC e para a SIC Notícias, com uma vaga descrição do que conseguia vislumbrar dentro de um táxi.

Chegados ao hotel tínhamos duas prioridades: encontrar a primeira reportagem e conseguir transporte para o norte do país, mais concretamente para Sendai, a localidade mais próxima do epicentro do terramoto e, por consequência, uma das zonas mais afetadas.

Encontrei a primeira reportagem com um simples passeio pelas ruas de Tóquio. A cidade parecia intacta, mas estava deserta. Os restaurantes estavam todos fechados, os supermercados tinham as prateleiras vazias e as bombas de gasolina estavam quase todas secas.

Através da embaixada, encontrei um português que estava em Tóquio à hora do terramoto. O testemunho dele com a reportagem dos supermercados vazios, era suficiente para enviar algum material para Lisboa em tão curto espaço de tempo.

Paralelamente tentava convencer alguma empresa de aluguer de carros a fazer negócio comigo e a arranjar-me um motorista que fosse connosco para norte. Ninguém aceitou. O perigo era elevado e em Fukushima a situação piorava a cada hora. Felizmente o meu colega Odacir Júnior tinha com ele o contacto de uma empresa de transportes japonesa, gerida por brasileiros que aceitaram, sem mais demoras, partir connosco no dia seguinte bem cedo. Traziam uma carrinha com alguns mantimentos, água, cobertores, combustível, e partimos para uma viagem de dois dias, sempre por estradas secundárias, em direção a Sendai.

A sensação de chegar a um local onde tudo, literalmente tudo, foi destruído é impossível de descrever em palavras. Em Sendai, bastava apontar a câmara aleatoriamente. As equipas de salvamento procuravam sobreviventes em todo o lado, mas o que encontravam mais era cadáveres.

Estive 24 horas em Sendai. No fim da primeira noite o meu telefone tocou e do lado de lá estava o meu diretor de informação, Alcides Vieira. “Vem-te embora”, disse-me. “Como assim? Ainda agora aqui cheguei”, respondi. A situação em Fukushima era

cada vez mais grave e o Japão estava na eminência de uma catástrofe nuclear de dimensão idêntica à de Chernobyl. Nós estávamos a 100 quilómetros de Fukushima e durante aquele telefonema com o Alcides Vieira, lembro-me de ter olhado para o céu e sentir uma chuva miudinha bater-me na cara. “A chuva pode ser radioativa”, pensei para mim.



Ilustração 14: *Máscara para trabalhar no Japão, onde uma nuvem radioativa não deixava ninguém descansado*

A custo, obedeci à ordem do meu diretor que me mandava regressar a Portugal de imediato por uma questão de segurança. O problema era como regressar. Os aeroportos mais próximos tinham sido destruídos pelo terramoto e pelo *tsunami*, a carrinha que nos servia de transporte tinha meio depósito de combustível, claramente insuficiente para regressar a Tóquio se todas as bombas estivessem secas e a maioria delas estavam.

Decidimos então avançar em direção a oeste, à procura do primeiro aeroporto que estivesse aberto. Antes, não sairia de Sendai sem levar material para mais uma reportagem. Fui a um abrigo e às instalações municipais, onde milhares de japoneses procuravam familiares e amigos na esperança de que ainda estivessem vivos e foi aí que fui abordado por um senhor já de idade, que tentava comunicar comigo de todas as formas.

Confesso que não dei grande importância ao que ele me tentava dizer, mas quando ele se afastou de bicicleta, caí em mim. Ele viu-me ao telemóvel e pedia-me que tentasse contactar o filho a viver nos Estados Unidos para lhe dizer que estava vivo. Corri em direção ao senhor e dei-lhe o meu telemóvel para a mão. Gravámos o telefonema e a reportagem foi construída a partir daquele telefonema. Foi, provavelmente, a história que mais me marcou como enviado especial da SIC ao Japão.

Em cenários como aquele aprendemos que a nossa capacidade para suportar privações é muito maior do que imaginávamos. Conseguimos passar dias sem comer, sem dormir ou a dormir muito pouco, conseguimos suportar a falta de higiene, conseguimos suportar quase tudo porque o que nos move é o trabalho que temos pela frente e o desafio de concretizar o melhor que conseguimos.

A experiência que trouxe do Japão dificilmente se apaga da memória, mas passou rapidamente para segundo plano poucos meses depois.

2.16 - Crise Política



Ilustração 15: Cobertura da campanha eleitoral para as legislativas de 2011, com o candidato do PSD, Pedro Passos Coelho.

Portugal voltaria a viver dias de grande agitação política com a queda do Governo de José Sócrates e com a convocação de eleições antecipadas. Desta vez, coube-me acompanhar a campanha do PSD que tinha como cabeça de lista Pedro Passos Coelho. Foram mais 15 dias na estrada numa campanha que foi muito mais exigente do que qualquer uma das outras feitas por mim.

A máquina de campanha do PSD é muito maior e mais profissional, o que faz com que o acesso ao candidato seja mais difícil, a pressão sobre os jornalistas seja maior e o número de iniciativas de campanha seja também mais elevado, logo mais exigente até do ponto de vista físico. Nada que se compare com a próxima campanha de 2011, na Madeira.



Ilustração 16: Direto para o Jornal da Noite, apresentado por Rodrigo Guedes de Carvalho, a partir da Madeira durante as eleições regionais de 2011

Em Setembro desse ano, o país fica a saber que as contas da região autónoma da Madeira estão descontroladas, que o défice é elevado e a dívida está muito acima do permitido. Tudo isto a poucas semanas das eleições às quais Alberto João Jardim³⁴ se recandidatou mais uma vez.

Parti para a Madeira uma semana antes do arranque oficial da campanha, onde mais tarde outro colega, o Bernardo Ferrão, se juntaria para a cobertura deste ato eleitoral. Durante três semanas acompanhei a campanha de Alberto João Jardim, num terreno que me era desconhecido sob todos os pontos de vista, sobretudo o político.

A campanha eleitoral na Madeira remete para a década de 80, quando às inaugurações faustosas nunca faltava o pároco da freguesia, a população em fato domingueiro e, claro, muita comida e bebida. Foram três semanas muito enriquecedoras do ponto de vista profissional não só pela realidade que descobri, mas pelo desafio permanente que é entrevistar Alberto João Jardim, o presidente do Governo Regional da Madeira, que gosta de transformar a comunicação social no bode expiatório de todos os males do mundo, virando muitas vezes a população contra os jornalistas e transformando o trabalho das equipas de reportagem em algo que é, por vezes, arriscado.

³⁴ Alberto João Jardim é presidente do Governo Regional da Madeira há 35 anos. Foi eleito pela primeira vez em 1978.

Com as câmeras desligadas, a realidade é completamente diferente. Alberto João Jardim demonstra ser um político inteligente, cortês e muito bem-humorado, ainda que pareça estar sempre informado de todos os movimentos dos jornalistas. Também a este nível, vivi uma experiência nova profissionalmente. A equipa que acompanha Alberto João Jardim procura ser, muitas vezes, mais papista que o próprio Papa, tentando usar e abusar da pressão sobre os jornalistas para com isso conseguir reportagens mais favoráveis aos seus objetivos.

2.17 – Conversas Improváveis



Ilustração 17: Gravação do primeiro episódio do programa da SIC Notícias *Conversas Improváveis* com Marcelo Rebelo de Sousa e Ricardo Araújo Pereira - Janeiro de 2012

2012

A ideia nasceu no verão de 2011, mas só em Janeiro de 2012 ganhou vida. O que começara como um formato ao vivo, em Leiria, acabaria por se tornar um programa de televisão com uma audiência assinalável. A ideia foi, desde o início, juntar duas personalidades que aparentemente nada tinham em comum e colocá-las à conversa. A atualidade seria o tópico principal mas a isso poder-se-ia juntar o percurso de cada um dos convidados e, no final, teríamos uma conversa agradável e interessante.

A história das *Conversas Improváveis* é muito mais vasta, mas o essencial do projeto resume-se assim.

Os primeiros convidados estavam escolhidos há muito. Marcelo Rebelo de Sousa e Ricardo Araújo Pereira já se tinham cruzado na televisão, mas desta vez nenhum dos dois estaria na posição de entrevistador. O diretor de informação da SIC, Alcides Vieira, a quem eu e o Bernardo Ferrão falámos de projeto já em curso, mais uma vez, apenas para um formato ao vivo, mudou o curso dos acontecimentos em poucos minutos. “Vamos gravar”, atirou sem mais. A frase fez nascer o programa de televisão e a primeira conversa marcada para o dia 13 de Janeiro no Teatro Miguel Franco, em Leiria, acabaria por se tornar na estreia desse programa, sem piloto nem ensaios, não havia margem para falhar.

Para mim e para o Bernardo Ferrão seria o início de uma experiência nova já que nenhum dos dois tinha, até aquele momento, apresentado um programa de televisão. O primeiro programa entre Marcelo Rebelo de Sousa e Ricardo Araújo Pereira foi o mais visto do cabo no dia da estreia (14 de Janeiro) e os compactos feitos para a SIC lideraram face à concorrência das televisões generalistas. A estreia das Conversas Improváveis haveria ainda de ser considerada o sétimo melhor programa da história da SIC Notícias.

A fasquia estava muito elevada quando partimos para o segundo programa. Era a vez de Manuel Alegre e José Cid se sentarem nos sofás do Teatro Miguel Franco para uma conversa. Seguiram-se Rui Santos e Luís Marques Mendes, Francisco Louçã e Miguel Sousa Tavares, Alberto João Jardim e António Marinho e Pinto e por fim Rui Rio e Manuel Moura dos Santos. O segredo para o sucesso do programa passou sempre pelas duplas convidadas, mesmo que se possa considerar que algumas são mais felizes do que outras. Os protagonistas são os convidados, que aceitaram ter uma conversa diferente das que temos nas televisões todos os dias, onde políticos debatem com políticos, economistas com economistas e desportistas com desportistas.

Outro dos elementos fundamentais do programa é o guião, que não pode conter perguntas já respondidas ou de resposta previsível, deve ser inteligente na abordagem e, sobretudo, lançar a conversa entre os dois convidados.

A primeira série teve seis programas e as audiências mostraram que foi bem-sucedida, mas mais importante ainda, as Conversas Improváveis deram-me uma experiência de pesquisa, produção, coordenação e apresentação que o dia-a-dia deixou sempre vazia.



Ilustração 18: *Logótipo do programa da SIC Notícias Conversas Improváveis*

Emitida: SIC Notícias

Data: Janeiro a Julho de 2012

Links:

Ep 01: http://www.youtube.com/watch?v=bRH-_ZZQ1Ng

Ep02: <http://www.youtube.com/watch?v=b2nu1BjfPPU>

Ep03: http://www.youtube.com/watch?v=VMKa_xpZaz4

Ep04: <http://www.youtube.com/watch?v=omG93B33uNk>

Ep05: <http://www.youtube.com/watch?v=cmxA7u9jatI>

Ep06: <http://www.youtube.com/watch?v=edTdqhtaagg>

2.18 – Grécia



Ilustração 19: *Direto a partir de Atenas, durante a campanha eleitoral de Maio de 2012.*

As Conversas Improváveis eram gravadas uma vez por mês e, no entanto, os meus dias como jornalista continuavam a ser feitos de economia e política.

A primeira metade de 2012 foi particularmente difícil para a Grécia ³⁵, o primeiro país da zona euro a pedir ajuda externa, que por esta altura se debatia com uma crise política grave. As eleições, que são por norma a solução mais normal para as crises políticas, ameaçavam desta vez resolver pouco, mas aconteceram.

No início de 2012, fui pela primeira vez à Grécia em reportagem a convite da Comissão Europeia. Durante uma semana falei com vários responsáveis da troika e do governo grego e em todas as conversas, uma ideia persistia: a Grécia não tem apenas um problema económico, tem um grave problema político.

Poucos meses depois, estaria novamente em Atenas para cobrir as eleições legislativas e sobretudo para fazer o retrato de um país em grandes dificuldades que poderia muito bem servir de espelho a Portugal numa visão mais futurista do problema.

As primeiras eleições deixaram tudo empatado e a falta de capacidade dos principais partidos políticos para acordos, deixou o país na mesma ou, para alguns analistas, ainda pior do que estava. Foi, por isso, marcado um novo ato eleitoral que fosse capaz de desempatar o que à primeira ficou empatado e eu voltei a Atenas.

O Sirysa, partido de esquerda que muitos temiam que pudesse vir a retirar a Grécia do Euro se fosse governo, conseguiu uma votação histórica mas, para a história, não ficou a governar a Grécia.

³⁵ Em Maio de 2010 a Grécia foi forçada a pedir ajuda externa. Com uma dívida pública acima dos 120% do PIB e um défice das contas públicas acima dos 12% os vários países da União Europeia e o Fundo Monetário Internacional fizeram o primeiro empréstimo à Grécia mediante condições para o ajustamento financeiro.

2.19 – Quem Diria



Ilustração 20: 1º episódio do programa Quem Diria com Rodrigo Guedes de Carvalho e José Rodrigues dos Santos - Janeiro 2013

2013

Depois do sucesso das Conversas Improváveis, eu e o Bernardo Ferrão fomos novamente desafiados a regressar com o formato à antena da SIC Notícias. Desta vez em Lisboa, no auditório da Culturgest e com algum refrescamento. O programa passou a chamar-se Quem Diria, o cenário teve ligeiras adaptações mas o princípio manter-se-ia exatamente o mesmo.

Rodrigo Guedes de Carvalho e José Rodrigues dos Santos foram os primeiros convidados desta segunda série, a que se seguiram Maria José Morgado e Jel, Manuela Ferreira Leite e José Dias Ferreira, Paula Teixeira da Cruz e Rita Blanco, Alexandre Soares dos Santos e João Proença e, por fim, Francisco Pinto Balsemão e Simone de Oliveira.

A experiência da primeira série foi fundamental e o programa voltou a liderar as audiências da SIC Notícias, apesar da sua periodicidade mensal.



Ilustração 21: Logótipo do programa da SIC Notícias Quem Diria

Emitida: SIC Notícias

Data: Janeiro a Junho de 2013

Link: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/quemdiria/>

2.20 - A polémica dos swap

A última nota que destaco de 11 anos como jornalista da SIC tem a ver com uma notícia relativamente recente, na qual julgo ter desempenhado um papel importante.

A revista Visão começou por avançar com a notícia de que Joaquim Pais Jorge, então Secretário de Estado do Tesouro há menos de um mês, tinha enquanto diretor do *Citigroup* tentado vender contratos *swap* ³⁶ ao governo de José Sócrates. Fui à conferência de imprensa onde Joaquim Pais Jorge iria explicar e, sobretudo, clarificar a situação.

Se a conferência de imprensa foi *sui generis*, o que se seguiu foi ainda mais. As explicações do Secretário de Estado estavam longe de ser convincentes e eu decidi investigar o caso. Três dias depois da conferência de imprensa, descobro que Joaquim Pais Jorge, que havia afirmado categoricamente nunca ter estado em reuniões na

³⁶ Os *swap* são operações de troca de posições quanto ao risco e rentabilidade entre investidores. O contrato de troca pode ter como objeto moedas, *commodities* ou ativos financeiros.

Residência Oficial de São Bento a discutir contratos *swap*, não só tinha lá estado como a sua presença se confirmava em três ocasiões diferentes.

Confrontado com estes factos, Joaquim Pais Jorge confirmou-me por *email* que afinal tinha estado na Residência Oficial de São Bento, mas nunca para vender contratos *swap*. Dois dias depois demitiu-se. Não sem antes, o Governo acusar a comunicação social, incluindo a SIC, de ter divulgado documentos forjados.

2.21 - Outras experiências profissionais

Apesar do meu percurso profissional na SIC me ter trazido para Lisboa, mantive sempre uma ligação à cidade onde nasci, pessoal mas também a outros níveis. O desafio de um amigo de longa data, que me ajudou a formar como jornalista, para lançar uma revista de economia e negócios era, para mim, impossível de recusar.

Durante sete anos colaborei com a Revista Invest, uma publicação mensal de economia, negócios e desenvolvimento regional. Foi um percurso feito de reportagens, grandes entrevistas, artigos de opinião, moderação de conferências e apresentação de galas empresariais. Um percurso que me orgulha e que me ensinou bastante sobre a realidade de um país que, por vezes, de Lisboa, parece muito diferente.

Em 2007 fui desafiado para ser docente de uma disciplina da licenciatura de Comunicação Social e Multimédia da Escola Superior de Educação de Leiria, pertencente ao Instituto Politécnico de Leiria. Leciono desde então a disciplina de Meios e Produção Jornalística, uma cadeira de jornalismo televisivo e radiofónico, tendo começado por lecionar a disciplina de Saberes e Práticas Profissionais.

3 – UNIVERSITÁTE E COMMUNICATIONE

3.1 - O curso

A licenciatura em Ciências da Comunicação foi, para mim, sempre um meio para atingir um fim, mas isso não significa que tenha dado como perdidos os quatro anos que em que a frequentei, muito pelo contrário.

Um professor que me habituei a respeitar e que lecionou algumas das disciplinas de que mais gostei durante a minha licenciatura, disse-me no primeiro ano, recorrendo ao calão, que a universidade serve para ganhar calo. Abstenho-me de reproduzir a frase completa, porque na verdade isto chega para demonstrar o ponto de vista dele. De uma universidade não se deve esperar a experiência profissional que as empresas dão, deve esperar-se um estudo multidisciplinar que, em circunstâncias normais, servirá de base para a profissão.

Admitindo que não estou plenamente convicto de que esta tese seja inteiramente verdade, ela não deixa de ter alguma razão de ser, por muito que este paradigma se coloque aos estudantes, profissionais e, admito até, aos professores universitários.

Qual é afinal o papel de uma licenciatura? Deixarei esta questão para próximos capítulos ou mesmo para a conclusão deste relatório e atendo-me agora ao curso de Ciências da Comunicação e à carreira de jornalista que ele me proporcionou.

As expectativas em relação a algumas disciplinas saíram claramente defraudadas e procurarei não responsabilizar os docentes por esse facto. Prefiro destacar as disciplinas que contribuíram claramente para o jornalista e, porque não escrevê-lo, para o homem que sou hoje.

Os quatro anos em que frequentei a Universidade da Beira Interior deram-me muito mais do que um diploma. Gosto de acreditar que tirei duas licenciaturas, uma de vida e outra de Ciências da Comunicação. A licenciatura de vida tornou-me mais adulto, ensinou-me o necessário equilíbrio entre a razão e a emoção e contribuiu para a minha independência. O curso de Ciências da Comunicação deu-me o conhecimento, ensinou-me a estudar com método, a ver, muitas vezes, para além do óbvio e contribuiu, em alguns casos, de forma decisiva para a minha carreira.

A disciplina de Retórica é um bom exemplo disto mesmo. De acordo com Meyer (2007) a arte de bem falar, de mostrar eloquência diante de um público para o ganhar para a sua causa é fundamental a um jornalista. Ao estudo dos clássicos, de que aprendi a gostar ainda durante o ensino secundário em Filosofia, o docente desta disciplina conseguiu juntar a paixão pelo argumento, pela procura do melhor argumento, no melhor momento, dirigido ao interlocutor certo. O raciocínio lógico ajuda a fechar o círculo e a paixão pela comunicação, essa, ou existe ou não existe.

Numa das aulas desta disciplina, o professor António Fidalgo perguntou quem era a favor da praxe e quem era contra, tendo eu levantado a mão entre o grupo dos que eram a favor. O movimento seguinte do professor foi escolher um de cada lado e colocá-los do lado oposto. Eu, que acabara de revelar ser a favor da praxe teria de argumentar exatamente o oposto daquilo em que acreditava e o meu oponente teria de fazer exatamente o mesmo. Aprendi muito com os clássicos, porém, aprendi mais ainda com aquele exercício sobre a arte da retórica.

Outra disciplina digna de relevo, apesar de quase desconhecida por mim até ao primeiro ano da Universidade, é a Hermenêutica. Terá sido, porventura, das que mais me surpreenderam, não tanto pela utilidade que tem na profissão que desempenho, mas pela história que encerra.

Palmer (1969) escreveu que Jesus forneceu aos seus ouvintes os elementos necessários para compreenderem os textos proféticos, isso fazia parte da explicação necessária. Mesmo assim, tinha de assumir uma pré-compreensão do que era a profecia e daquilo que ela poderia significar para eles, antes de poder explicar-se perante os seus ouvintes.

O jornalismo não será assim tão diferente. Quando o jornalista, apesar do contexto necessário à notícia, parte do pressuposto de que o leitor, ouvinte ou telespectador assume a tal pré-compreensão que o dispensa de mais explicações, ou quando através das figuras de estilo que utiliza nas reportagens que escreve, assume exatamente a mesma pré-compreensão.

O projeto de Schleiermacher, citado por Palmer (1969), de uma nova hermenêutica como a arte de compreender uma expressão linguística e como um dos primeiros aforismos mais esclarecedores, afirma que a hermenêutica é precisamente o modo como uma criança capta o significado de uma nova palavra. Ora, esta ideia, só vem clarificar melhor o sentido que o jornalismo deve ter e o papel que deve desempenhar.

A História era uma paixão antiga e isso ajudará, em grande medida, a explicar o destaque que dou às disciplinas de História e Cultura Ocidental e de História Moderna e Contemporânea. Se dificilmente compreendemos o presente sem conhecermos o passado, muito provavelmente nunca conseguiremos influenciar o futuro sem ter a História presente.

As disciplinas mais diretamente ligadas ao jornalismo, não será surpresa, foram as mais interessantes e mais aprazíveis do meu ponto de vista. Géneros Jornalísticos introduziram-me um conjunto de conceitos fundamentais, que se transformaram em ferramentas de trabalho, quer na profissão de jornalista quer na de professor de Comunicação Social.

Temas de Jornalismo I e II permitiram-me fazer abordagens diferentes da profissão e deram-me ainda a oportunidade de realizar trabalhos interessantes, como é exemplo um trabalho que fiz sobre a história do Diário Económico.

Por fim, mas não menos importante, bem pelo contrário, a disciplina de Atelier Jornalístico ajudou-me a pensar como um jornalista. Ao lado muito prático desta unidade curricular, o docente conseguiu juntar a análise de notícias e obrigar à reflexão sobre a sua elaboração. Durante seis meses, o Atelier de Jornalismo permitiu-me ganhar alguma experiência na elaboração de reportagens, aprender com os primeiros erros, ganhar o à vontade suficiente para estar na rua e colocar a pergunta que se impõe, aliando tudo isso a uma explicação teórica da construção e dos critérios editoriais das notícias.

3.2 - Académico vs. Profissional?

Uma das primeiras ideias que Fernando Correia (2006) desenvolve em Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia é precisamente a de que os media - a imprensa, a rádio, a televisão e a internet - constituem hoje, no seu conjunto, uma realidade que já muito pouco tem a ver com o que se passava há umas décadas. Se partirmos deste pressuposto e o estendermos às licenciaturas de Comunicação Social ou de Ciências da Comunicação, talvez consigamos chegar à mesma conclusão, de que a

formação académica dada a futuros jornalistas está muitas vezes desligada da realidade e deveria ser, também ela, diferente da que era dada há umas décadas.

Nos últimos vinte anos, muita coisa mudou no mundo da comunicação social. De dois canais generalistas exclusivamente públicos, passámos a ter quatro – dois privados - e a televisão por cabo cresceu e multiplicou-se. A internet massificou-se e é para muitas pessoas a principal fonte de informação. O negócio da imprensa escrita mirrou, tal como o das rádios que se debatem com enormes dificuldades financeiras. Conforme Fernando Correia (2006), esta é parte da realidade complexa dos media. A importância da informação passou a ocupar um papel secundário e a estar permanentemente ameaçada pelos constrangimentos estruturais, pelos objetivos comerciais, mas também pelas pressões políticas e sociais.

Se a realidade dos media mudou, porque não mudaram, ou mudaram pouco, os cursos ligados ao jornalismo? A pergunta, que fazia sentido quando frequentava a licenciatura de Ciências da Comunicação entre 1998 e 2002, continua a colocar-se todos os dias nos últimos seis anos em que sou docente do curso de Comunicação Social e Multimédia do Instituto Politécnico de Leiria.

Em termos genéricos, os cursos ligados ao ramo da comunicação parecem andar mais lentamente do que o mundo real e isso, necessariamente, reflete-se nos que, terminado o curso, são candidatos a um emprego.

Há três reflexões sobre esta matéria que me parecem fundamentais: os programas curriculares, os docentes que lecionam esses programas e a formação de base dos alunos. Detenho-me para já nas duas primeiras.

Se é verdade que a formação académica é necessariamente diferente da formação profissional, as duas não devem estar tão distantes como julgo estarem, pese embora o esforço feito por muitas instituições de ensino superior para se aproximarem mais das empresas e das necessidades que essas empresas têm em matéria de recursos humanos.

Neste capítulo não pode haver lugar para hipocrisias. A formação que a licenciatura em Ciências da Comunicação me deu em quatro anos, contribuiu pouco para a minha formação e afirmação como jornalista, independentemente de trabalhar numa televisão, numa rádio ou na imprensa. Com as devidas ressalvas feitas atrás e sendo verdade que algumas disciplinas ajudaram a formar a minha cultura geral e me abriram novas perspetivas de análise, não é menos verdade que outras, pouco ou nada deixaram de significativo.

A relevância dos programas curriculares e o interesse do aluno são dois fatores que não podem estar dissociados. Um e outro estão diretamente ligados e por maiores que sejam as insuficiências dos docentes, elas não são, em meu entender, decisivas para a apreciação que faço da licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior.

Em muitos casos, o interesse que demonstrei por determinadas disciplinas não era proporcional à avaliação que fiz dos docentes e o contrário é igualmente verdade. A título de exemplo, nas unidades curriculares de Sociologia, de Teoria Política ou

Marketing, por exemplo, a avaliação menos positiva que fiz do docente, não me retirou o interesse no estudo destas matérias.

Quanto à relevância dos programas curriculares, a questão deve, em meu entender, ser analisada de forma diferente porque ela está directamente ligada ao interesse do aluno. Disciplinas como Estética, Epistemologia ou História da Arte defraudaram as minhas expectativas pelo conteúdo que me pareceu pouco relevante na minha formação de jornalista e pela inutilidade prática que constatei ao longo da última década como jornalista. Por relevantes que possam ser noutras áreas de formação, do meu ponto de vista, estas disciplinas ocuparam um espaço que podia ter sido mais útil, se preenchido com outras disciplinas.

Se partirmos do princípio de que nem todos os alunos de Ciências da Comunicação vão seguir o ramo de jornalismo e que muitos podem escolher publicidade, marketing ou relações públicas, facilmente compreendemos, observando o plano curricular de Ciências da Comunicação, que ele é insuficiente para qualquer uma destas outras áreas. Seguindo este raciocínio é de elementar justiça acrescentar, que ainda assim, o ramo de jornalismo sai claramente beneficiado.

Por fim, a questão dos docentes. É sempre possível ensinar uma matéria sem que, necessariamente, se tenha experiência profissional sobre essa matéria. Dependendo da disciplina e da capacidade do docente, há unidades curriculares que podem ser lecionadas por alguém que nunca as colocou em prática. Nalguns casos específicos, considero um erro.

Se é inaceitável que determinadas disciplinas de Medicina não sejam lecionadas por médicos, ou que algumas disciplinas de Direito não tenham um advogado como regente, porquê aceitar que uma cadeira de jornalismo possa ser lecionada por alguém que nunca foi jornalista?

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior não será caso único no país, mas é um deles. Ter um jornalista a ensinar jornalismo é muito diferente de ter alguém que nunca escreveu uma peça, que nunca saiu em reportagem, nunca fez um direto ou nunca trabalhou numa redação. E se penso assim é porque durante a licenciatura tive oportunidade de ter as duas experiências: professores que ensinaram apenas com base nos livros e professores, que usando os livros, conseguiram acrescentar-lhes a experiência profissional, tornando a disciplina mais rica.

Regressemos ao início: a formação académica é necessariamente diferente da formação profissional, mas de que servirá uma sem a outra? De que servirá um brilhante aluno que não se transforme num brilhante profissional? A reflexão, que julgo ainda estar por fazer nas universidades portuguesas, pode contribuir para uma melhoria da formação académica e para uma aproximação ainda maior às empresas.

Sou, por experiência própria, um acérrimo defensor de que os alunos devem procurar por si alguma experiência inicial, que lhes permita tirar ilações sobre o futuro que vão ter de escolher.

Por outro lado, não tenho nem nunca tive a percepção de que as universidades têm a obrigação de educar ou de se substituírem às empresas, pelo contrário. Mas num

mercado profissional cada vez mais curto e competitivo, julgo ser absolutamente necessário que as universidades se adaptem ao país e não esperarem o contrário.

3.3 - Uma década de jornalismo

As experiências que procurei no jornalismo, antes mesmo de entrar na universidade, vieram a revelar-se muito úteis mais tarde. Há aspetos da formação de um jornalista que não se ensinam nas universidades e que advêm da prática que o dia-a-dia tem para oferecer.

Quando saí pela primeira vez em reportagem e fui confrontado com uma conferência de imprensa na academia do Sporting, em Alcochete, não foi uma sala cheia de jornalistas com muitos anos de experiência que me intimidou. Fiz as perguntas que entendi pertinentes e obtive as respostas que pretendia.

Pesadas todas as diferenças entre o jornalismo televisivo e o jornalismo de imprensa, há um conjunto de características comuns que todos os jornalistas devem ter, independentemente do tipo de órgão de comunicação social onde trabalhem. Os critérios de notícia, o acompanhamento da atualidade, a capacidade de fazer as perguntas certas, são denominadores comuns a todos os jornalistas.

Foram estas capacidades que fui adquirindo, ao longo dos anos, nos órgãos de comunicação social por onde fui passando, que me deram alguma vantagem durante o estágio na SIC. Quando comecei esse estágio em julho de 2002, tinha muito para aprender e outro tanto para errar, mas tinha pelo menos a vantagem de não começar do zero.

A um estagiário de jornalismo não se pede a perfeição, pede-se empenho e paixão. O estágio é, por definição, a altura certa para cometer erros e no meu caso, o facto de o estágio ter sido feito na SIC fez toda a diferença.

Depois de anos sozinha no mercado, a partir de 1992 a RTP passou a ter de enfrentar a concorrência de uma televisão privada e no capítulo da informação, como noutros, a SIC fez escola.

A redação que encontrei em 2002, apesar de despedaçada pelo processo de despedimento coletivo que enfrentava, era apesar de tudo unida em vários aspetos: na forma como os jornalistas encaravam o jornalismo, no olhar autocrítico que conseguiam ter e na audácia de querer fazer sempre melhor e diferente.

A criatividade e o risco fazem parte do ADN da informação da SIC e isso obriga, muitas vezes, a trabalhar no limite, na fronteira definida pelas regras da profissão. Essa foi, provavelmente uma das primeiras lições que aprendi: não ter medo de arriscar.

Foi esse risco que levou a SIC à liderança, durante anos. O risco e a massa crítica que conseguiu criar numa redação feita de profissionais das mais diversas

origens. Os profissionais da informação da SIC vieram da imprensa, da rádio, da RTP, mas também vieram das universidades e de outras empresas.

Mais do que temer a crítica do meu superior hierárquico, o maior receio que senti, durante anos, foi o do corredor da SIC, onde qualquer colega, em qualquer altura, podia opinar sobre o meu trabalho. O corredor da SIC foi sempre um espaço de crítica construtiva e de elogio incentivador.

Nunca, desde o dia em que decidi que seria jornalista, me passou pelo espírito trabalhar numa televisão. Achei sempre que a melhor opção seria a imprensa até ao dia em que o professor de Atelier de Jornalismo me devolveu a fita que lhe pedira para assinar. Nela estava escrito: “Boa Sorte. Vais para a SIC. Abraço. João Canavilhas.” Ainda voltei atrás para contestar, mas dei-me por vencido. A esta distância não posso deixar de me sentir um privilegiado, porque aquela redação é uma das melhores escolas que já frequentei.

Tudo isto faz da SIC uma televisão perfeita? Longe disso.

3.4 - O desafio da Economia



Ilustração 22: Entrevista aos presidentes dos maiores bancos nacionais - 2011

O regresso em 2004 levantou-me um desafio ainda maior. Aprender uma área que até ali desprezei, porque aquela era a porta de entrada para a profissão que escolhi.

Entre as palavras e os números, sempre escolhi as palavras. Manobro-as melhor e sou mais feliz com elas. Cumpri como pude, ao longo da minha formação, com a matemática mas sempre que possível, fugi dela. Na universidade dei pouca atenção à disciplina de economia e os 12 valores que consegui bastaram-me para prosseguir em

frente com o curso. O destino trocou-me as voltas e impôs-me uma condição para regressar à SIC: trabalhar na editoria de economia.

Aprender com os melhores, torna o nosso trabalho mais fácil. A pessoa que me desafiou a regressar à SIC foi simultaneamente a que me ensinou quase tudo o que sei sobre jornalismo económico. Conheci o José Gomes Ferreira já como subdiretor de informação da SIC. A entrevista que me fez no bar da empresa, quando me convidou, foi uma espécie de aula introdutória.

“O que é o PIB?” - Perguntou. “É o produto interno bruto” – Respondi. “Como se calcula o PIB?” – Voltou a perguntar. A resposta incompleta teve correção imediata numa folha de papel em branco, onde nunca chegou a constar o ordenado que iria auferir, mas sim uma explicação detalhada sobre como se calcula o PIB.

Quase dez anos depois, o José Gomes Ferreira continua a ser o meu principal “professor” de jornalismo económico. As virtudes e os defeitos de cada um, nunca nos impediram de colocar o trabalho acima das diferenças.

A vida torna-se muito mais interessante se transformarmos as dificuldades em desafios e se só descansarmos quando os ultrapassamos. O meu propósito sempre foi ser jornalista e se para isso tinha de trabalhar temas económicos, esse era só mais um desafio que tinha de ultrapassar.

Um jornalista é um curioso por natureza e, se outra capacidade não tiver, tem pelo menos de saber perguntar. Foi isso que fiz sempre que não compreendi algum assunto, sempre que uma matéria me era desconhecida ou sempre que uma resposta me parecia indecifrável. Perguntei uma, duas, as vezes que fossem necessárias até estar satisfeito com a resposta.

O “mundo económico”, ao contrário de outras áreas, não é de acesso fácil. Colecionar fontes implica esforço e dedicação, mas implica sobretudo paciência e um rigor extremo. Paciência, porque as fontes são muitas vezes presidentes de bancos, grandes empresários, economistas, gestores, pessoas que dependem pouco dos órgãos de comunicação social e de acesso mais difícil. Rigor, porque um erro numa notícia pode abalar de forma quase definitiva a credibilidade de um jornalista e fechar-lhe as portas de fontes que confiavam e deixam de confiar.

O desafio da economia viria a revelar-se ainda mais aliciante por um outro motivo. A economia está presente em todo o lado: na política, no desporto, na cultura, nas grandes questões da atualidade internacional e no dia-a-dia de uma pessoa desde que acorda até que se deita.

Quase dez anos depois sou obrigado a reconhecer que gosto de tratar este tipo de assuntos. A necessidade de compreender matérias densas e complexas tornou-me mais claro na transmissão da mensagem, que é afinal, um dos principais pilares de um jornalista.

3.5 - A criatividade

A televisão obriga a um esforço acrescido. Um assunto que num jornal pode ter duas páginas, em televisão raramente pode ultrapassar um minuto e meio, dois minutos. O leitor pode ler e reler a mesma frase as vezes que quiser, enquanto um telespectador dificilmente volta atrás se não percebeu uma parte da notícia.

Se a tudo isto acrescentarmos a dificuldade de ilustrar com imagens, temas que não são ilustráveis, talvez consigamos ter a perceção da dificuldade que o tratamento de temas económicos comporta em televisão. Mas esse é precisamente o desafio que me obriga a reconhecer que gosto muito do que faço, mesmo tratando-se de economia.

A criatividade, como referi atrás, é uma das imagens de marca da SIC. A abordagem que se dá a uma reportagem, o ângulo que mais ninguém viu, o início da peça, a imagem que marca e grita mais alto que qualquer frase lida pelo jornalista, fazem toda a diferença no jornalismo. Não basta conseguir uma boa notícia é preciso saber transmiti-la. Em jornalismo o conteúdo não vive sem a forma.

Neste particular, a SIC tem boas referências que me habituei a acompanhar em casa antes de imaginar que algum dia trabalharia ao lado delas. É essa uma das maiores riquezas da SIC, a diversidade de estilos que se unem numa linha editorial irreverente, com falhas como qualquer outra, mas que faz da diferença ponto de honra. Ver para além do óbvio e escrever para além do básico ajuda a reter a atenção dos telespectadores e sobretudo, torna os dias de um jornalista menos monótonos.

A economia é provavelmente dos assuntos mais anti-televisivos que conheço. Que imagens podemos nós encontrar para ilustrar o Produto Interno Bruto? E os juros da dívida? E os mercados? Como é que se “mostra” a inflação? Estas são perguntas que todos os jornalistas de economia das televisões fazem todos os dias e para elas há sempre uma resposta óbvia e uma criativa. A escola SIC obriga à segunda opção.

A personalização de muitas reportagens, onde o repórter dá a cara para transmitir parte da informação, acompanhado por algum grafismo que complementa o que está a ser dito, foi uma das soluções encontradas para responder ao desafio da economia. A ideia, entretanto reproduzida por todas as televisões, foi muitas vezes criticada no passado pelos mesmos jornalistas que hoje recorrem a esta estratégia para conseguir passar melhor a informação.

Este pequeno exemplo serve para realçar um outro aspeto fundamental: em televisão o trabalho de equipa é absolutamente fundamental.

3.6 - Trabalho de equipa

O sucesso de uma reportagem de televisão não depende apenas do jornalista. Depende do *designer* gráfico, do repórter de imagem, do técnico do carro de satélite, do editor de imagem, do produtor, do editor e do diretor. É um trabalho de equipa permanente, em que o sucesso de um é o sucesso de todos, mas onde o insucesso de um é também o insucesso de todos.

Aprender a trabalhar em equipa implica colocar sempre o interesse jornalístico, e por extensão, o interesse do telespectador, à frente dos nossos interesses. Numa redação com centenas de pessoas, os unanimismos não existem e pensar o contrário é apenas não compreender a natureza humana. Assim, as preferências pessoais de cada um, as amizades e as inimizades devem ser relegadas para segundo plano e deve privilegiar-se o produto final. Isso só é possível com profissionalismo.

Uma campanha eleitoral é um bom exemplo disto mesmo. Durante pelo menos 15 dias, uma televisão tem no terreno dezenas de profissionais, entre jornalistas, repórteres de imagem, editores de imagem, técnicos de satélite, assistentes, editores e produtores, só para citar alguns. O trabalho de acompanhamento de uma campanha implica acordar, tomar todas as refeições e adormecer com as mesmas pessoas durante dias consecutivos e num contexto de enorme *stress* e muita pressão. A pressão do tempo, a pressão política, a pressão da crítica, a pressão das audiências, são tudo fatores com os quais os profissionais de televisão têm de lidar e a que somam também os fatores pessoais.

Há apenas duas formas de trabalhar neste contexto: uma boa e uma má. A boa implica que o profissional de televisão, independentemente da área onde trabalhe, consiga priorizar a reportagem a tudo o resto, separando o pessoal do profissional tendo sempre presente que não se representa a si próprio, mas a uma empresa de comunicação social. A má, implica exatamente o oposto.

3.7 - Os novos jornalistas

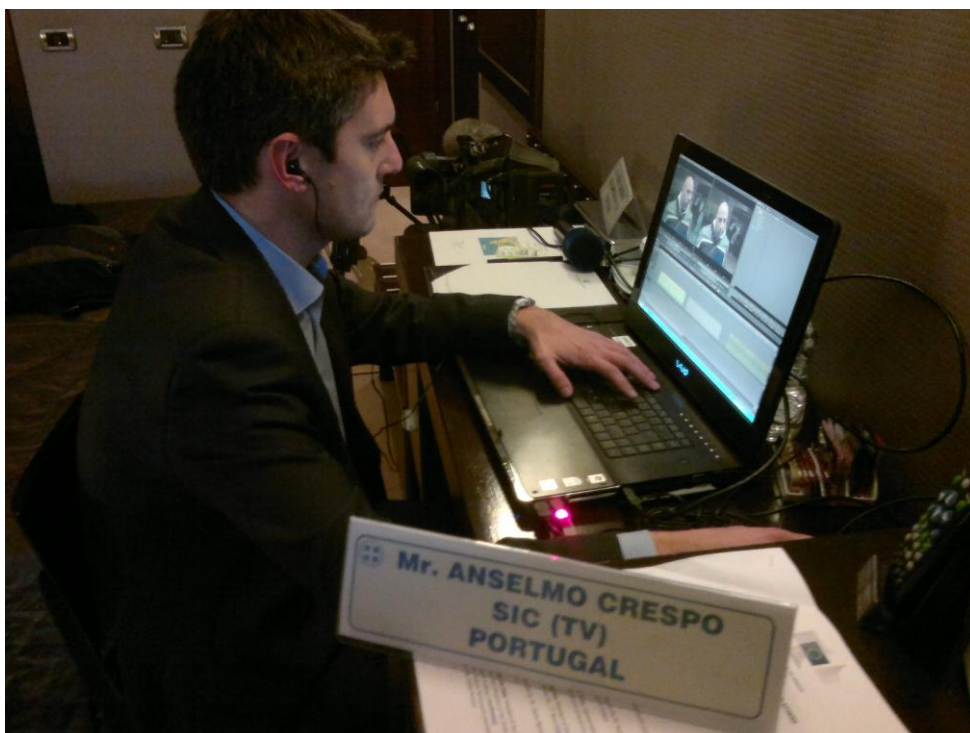


Ilustração 23: Durante a edição de uma reportagem na Grécia - 2012

A profissão de jornalista mudou muito, como quase tudo na vida, nos últimos anos. Não basta saber escrever, no caso da televisão, não basta ter boa voz e boa imagem, o jornalista tem de ser mais completo.

As novas tecnologias permitem hoje fazer televisão de uma forma muito mais simples, mais rápida e sobretudo mais barata, fatores fundamentais para a sobrevivência financeira de muitos órgãos de comunicação social.

Em 2002, quando entrei pela primeira vez na SIC, a SIC Notícias tinha pouco mais de um ano de emissões. As redações (da SIC e da SIC Notícias) eram separadas e o método de trabalho também era muito distinto. O dia-a-dia de um jornalista da SIC poderia resumir-se da seguinte forma: sair em reportagem, regressar, visionar o material ainda em bruto numa zona criada para o efeito, anotar os tempos e as frases das entrevistas que lhe interessavam, regressar ao computador, escrever a peça e seguir para uma ilha de edição para gravar a voz e onde o editor de imagem montava a peça.

Na SIC Notícias, pelo contrário, os jornalistas visionavam e tiravam notas diretamente no computador através de um *software* de edição, escreviam, sonorizavam e editavam a peça sem sair da secretária.

As diferenças na forma de trabalhar das duas redações foram objeto de muitas conversas, de acesas discussões entre jornalistas, sobretudo entre os que se recusavam a trabalhar de acordo com os novos métodos por considerarem que cada profissional tem

o seu papel a cumprir e que se um editor de imagem não pode substituir um jornalista, então o jornalista também não deve substituir o editor de imagem.

Esta discussão interna prolongou-se durante muitos anos na SIC, muito antes de outras televisões em Portugal sequer admitirem tamanhas mudanças. Até ao dia em que chegou o anúncio da fusão de redações da SIC e da SIC Notícias.

O caminho indicado aos jornalistas era o de que, mais tarde ou mais cedo, teriam de ser eles a editar as próprias peças e o despedimento de alguns editores de imagem era o alerta vermelho de que esse dia estava quase a chegar.

Independentemente da reação de cada jornalista, a verdade é que ao longo dos anos essa tendência foi-se confirmando. Os repórteres de imagem começaram a ter formação de edição e os editores de imagem deixaram progressivamente de sair para o estrangeiro. Aos jornalistas não era pedido que editassem reportagens fora do país, mas a exigência de que o fizessem em território nacional tornou-se cada vez mais evidente.

A SIC foi pioneira neste capítulo e isso trouxe alguns dissabores iniciais. As reportagens editadas fora do país num computador portátil que dependiam da internet para chegar a Lisboa, atrasaram e nalguns casos, acabaram mesmo por impossibilitar a sua transmissão.

A internet não era tão rápida como é hoje e os computadores não estavam preparados para responder com a eficácia que se exigia, mas esta era claramente uma solução mais barata para a empresa, que conseguia poupar milhares de euros em satélites e claro, na viagem, estadia e alimentação de mais um trabalhador.

Os anos foram passando e depois da SIC, outras televisões começaram a testar este método. Os jornalistas da SIC foram-se adaptando à nova realidade, uns mais do que outros. No meu caso, a adaptação significou uma evolução profissional.

Editar uma reportagem de televisão é apenas mais um passo no processo de produção televisiva. Comecei a editar as minhas reportagens na redação e hoje edito também quando estou fora do país. Faço-o com gosto, numa ótica de aprendizagem permanente e apenas quando se trata de peças mais curtas, mas continuo a recorrer aos editores de imagem com frequência, para montar reportagens mais longas ou mais complexas.

3.8 - A nova realidade dos *media*

A edição de imagem é apenas um pequeno exemplo das novas exigências dos profissionais televisão. A concentração de tarefas pode colocar em causa a qualidade do produto final mas esse é, afinal, o resultado do novo contexto económico e social em que vivemos.

Enrique Bustamante (1999) lembra que, no caso da televisão, a mercantilização geral que está na sua matriz, facultada em grande medida pela inovação tecnológica,

impulsionou também um acelerado processo de integração entre todos os seus elementos.

Não foram apenas as novas tecnologias que obrigaram a uma mudança de hábitos dos jornalistas de televisão. As televisões de informação 24 horas ³⁷ vieram alterar definitivamente a forma como se trabalha neste meio.

Com algumas exceções, um jornalista da SIC dificilmente tem um dia inteiro para se dedicar a um tema. O volume de informação produzido por um jornalista aumentou exponencialmente com a urgência das notícias de hora a hora e isso obriga por um lado, a uma grande agilidade de raciocínio e de funcionamento, mas aumenta também a probabilidade de erro.

Os jornalistas de televisão têm hoje de adquirir um conjunto de competências que os torne multifacetados e o critério de qualidade fica muitas vezes entregue a cada um, como se de uma espécie de anarquia informativa se tratasse.

A proliferação de fontes de informação veio alterar definitivamente o mercado da comunicação social. As redes sociais são hoje fortes concorrentes das empresas que têm como *core business* a informação e obrigaram essas empresas a adaptar-se. Os métodos de trabalho mudaram, as rádios e os jornais já não se limitam às vias normais de distribuição e a solução foi apostar na multiplataforma para conquistar, ou em alguns casos reconquistar, o auditório.

À falta de melhor, esta foi a resposta possível à nova realidade social e económica. A venda de jornais em banca caiu de forma abruta, a rádio perdeu ouvintes e as televisões depararam-se hoje com uma concorrência nunca antes vista.

Se em circunstâncias normais o aumento da concorrência faz elevar o grau de exigência e a qualidade do produto final, o que se assistiu em Portugal foi exatamente o oposto. O contexto económico deprimido, conjugado com uma multiplicidade de opções, fez baixar a fasquia do auditório e das empresas de comunicação social, dispostas muitas vezes a tudo para não perderem quota de mercado.

Há, no entanto, um outro fator a ter em conta: o auditório parece estar menos exigente. A transição de gerações poderá ajudar a explicar parte deste problema. Em televisão, são muitas vezes as classes mais novas que definem a programação, porque são essas classes que interessam aos anunciantes. A facilidade com que esta geração consegue aceder a informação sem qualquer padrão de exigência, acaba por ajudar a distorcer um mercado muito dependente do lado comercial.

³⁷ Depois da SIC Notícias, a 31 de Maio de 2004 a RTP avançou com um canal de informação 24 horas que tem hoje o nome de RTP Informação. A 26 de Fevereiro de 2009 foi a vez da TVI avançar com o canal de notícias TVI24. Além destes 3 canais de informação diária há ainda o Económico TV, o Porto Canal e mais recentemente o Correio da Manhã TV que concorrem diretamente neste mercado.

O fenómeno geracional explicará parte do problema, mas está longe de explicar tudo. A realidade, demonstrada pelas audiências das televisões, das rádios e dos jornais, mostra que o público prefere muitas vezes aquilo a que podemos chamar uma informação mais ligeira em detrimento de outra mais relevante. Não procurarei encontrar uma explicação para este fenómeno, até porque, considero que há mais do que uma e todas elas complexas. Detenho-me apenas nesta espécie de ciclo vicioso: se o auditório é menos exigente, os órgãos de comunicação social que sobrevivem à custa da publicidade irão sempre ao encontro do seu público e serão, também eles, menos exigentes.

3.9 - Ego

Há várias características que distinguem um jornalista de televisão de um jornalista de um jornal ou de uma rádio, mas há uma que poucos conseguem verbalizar, pese embora ela seja fundamental: o ego.

Trabalhar em televisão implica escrever, dar voz e dar a cara pelas notícias. O mediatismo que recai sobre um jornalista de televisão é uma espécie de guilhotina, prestes a cair a qualquer momento e que pode destruir uma carreira.

Em direto, por exemplo, na maior parte dos casos, o jornalista não tem o auxílio do teleponto, de um papel com apontamentos e muito menos pode parar para tirar uma dúvida. Quando entra em direto, o público espera que ele saiba o que vai dizer, que seja claro na transmissão da mensagem e que não cometa erros. É claro que, sendo humano, qualquer jornalista está sujeito ao erro, a diferença em televisão é a forma como se lida com esse erro.

Se uma carreira, qualquer que ela seja, demora anos a construir, em televisão bastam poucos segundos para um jornalista respeitado ver a sua credibilidade abalada. Na verdade, basta que cometa um erro em direto para poucos minutos depois esse erro se tornar viral na internet e o jornalista se tornar alvo de chacota nacional, algo que as redes sociais vieram ampliar ainda mais.

A questão com que muitos jornalistas de televisão se debatem depois de um erro destes é como regressar ao ecrã no dia seguinte. É aqui que entra a importância do ego ou, se preferirmos, da autoestima que um jornalista televisivo precisa de ter para trabalhar neste meio.

4 - A NOVA GERAÇÃO DE JORNALISTAS

4.1 – Os 3 dilemas

A realização profissional é apenas um dos fatores que contribui para a nossa busca incessante pela felicidade. No entanto, para atingirmos este grau de realização, precisamos de encontrar resposta para três grandes desafios: descobrir o que nos realiza profissionalmente, conquistar um lugar e saber mantê-lo.

A descoberta da realização profissional não é uma dificuldade apenas dos tempos modernos. A dúvida, tantas vezes traduzida por dilema pessoal, faz parte da natureza humana e, se nuns casos se resolve de forma mais célere, noutros demora a ser resolvida, chegando mesmo a nunca ter resposta.

Quem consegue atingir o alvo da realização profissional, enfrenta depois o desafio da conquista, mas essa é uma tarefa que sairá tanto mais facilitada quanto maior for a convicção com que se procura.

Por fim, para os que chegaram onde sempre desejaram chegar, levanta-se um outro dilema: como se alimenta a motivação diária que permite estender a realização profissional por muitos e bons anos?

Ao grupo dos que procuram responder a estes desafios devemos juntar um outro, o grupo dos que nunca conseguiram perceber ao certo a que desafios devem procurar corresponder e que, assim, desperdiçam anos de vida, a si próprios e aos outros.

É sobre este segundo grupo que gostaria de dissertar, focado nos estudantes de Comunicação Social, aspirantes a jornalistas, com quem trabalho diariamente em dois patamares completamente diferentes: o de docente no curso de Comunicação Social e Multimédia no Instituto Politécnico de Leiria e o de jornalista da SIC a quem muitas vezes cabe a responsabilidade de acompanhar estagiários, provenientes das mais variadas universidades portuguesas e ajudar à sua formação.

4.2 – Formação e interesse dos alunos de Comunicação Social

O ensino é simultaneamente aliciante e arriscado. Aliciante para quem descobre essa paixão e tem prazer nas horas que passa a transmitir conhecimento numa procura constante do auditório. Arriscado, pela responsabilidade que esta missão encerra, porque dela depende em parte o futuro de pessoas, de uma sociedade e de um país.

Seis anos de experiência nesta área parecem suficientes para ter uma visão sobre aquela que será provavelmente a geração futura de jornalistas, independentemente das transformações que o mercado da comunicação social possa vir a sofrer.

Numa turma finalista da licenciatura de Comunicação Social, prestes a entrar no mercado de trabalho, a resposta à primeira pergunta pode ser bastante elucidativa da problemática que pretendemos abordar. “Quem é que quer seguir jornalismo?” - Pergunta o docente. Os que levantam o braço raramente ultrapassam a meia dúzia. “E os restantes, o que querem seguir?” - Replica o professor. Silêncio. Pontualmente, aqui e ali, alguns atiram “talvez relações públicas”. “E o que faz um relações públicas?” - Questiona-se do lado de cá. Silêncio.

A segunda pergunta pode obter respostas ainda mais preocupantes. “Qual é a notícia do dia?”. Quando alguém se atreve a interromper o silêncio, a resposta que surge é, por norma, disparatada. “Mais fácil ainda, qual a notícia que está a marcar a semana” - Arrisca o professor uma terceira vez. As opções voltam a ser o silêncio ou o disparate.

Seis anos a fazer as mesmas perguntas na primeira aula e a receber constantemente as mesmas respostas, permitem, apesar de a amostra ser pequena, constatar o seguinte: que a generalidade dos aspirantes a jornalistas não tem ainda definido um objetivo profissional e que o nível de interesse jornalístico é muito baixo e nalguns casos, praticamente inexistente. Mais grave ainda, o nível de preocupação destes alunos, quando confrontados com as suas próprias lacunas é baixo e a postura muitas vezes assumida é a de displicência como se estas não fossem questões fundamentais.

Poderá um docente, ou mesmo todos os docentes de um curso ligado ao jornalismo, colmatar estas lacunas? A resposta óbvia parece ser negativa.

O problema pode, aliás, ser ainda mais profundo. O que se vai apurando nas aulas subsequentes à primeira é um baixo nível de cultura geral, um grave desinteresse pela atualidade, uma quase total abstração do país e do mundo que nos rodeia, um vazio de cultura de cidadania e um nível de português, oral e escrito, que não é aceitável no secundário, muito menos no ensino superior.

Poderemos explorar várias explicações para isto, mas dificilmente conseguiremos explicar tudo. É preciso ter em conta que cada aluno representa uma realidade diferente, que a formação escolar não é equiparável de caso para caso, podemos até explorar a visão de que esta é a realidade do século XXI, contra a qual pouco ou nada podemos contra-argumentar.

Tomemos como exemplo a disciplina de Meios e Produção Jornalística, sobretudo prática, onde se pretende que sejam ensinadas técnicas de televisão e de rádio. Durante um semestre, a avaliação dos alunos divididos em equipas de dois, passa pela elaboração de cinco reportagens - de televisão ou de rádio - sobre temas da atualidade. A sala de aula é transformada numa espécie de redação onde se discutem distribuem reportagens às várias equipas, que têm depois um prazo de 15 dias para as apresentar na sala de aula.

Os temas das reportagens dependem da atualidade política, económica, social, cultural e desportiva da região de Leiria ou do país, em função da disponibilidade dos alunos e do equipamento de rádio e televisão disponível na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria. Note-se, aliás, que num esforço de

aperfeiçoamento do curso de Comunicação Social, o Instituto Politécnico de Leiria investiu em equipamento que pudesse ser utilizado pelos alunos como complemento da sua formação.

A reunião semanal do executivo da Câmara Municipal de Leiria foi atribuída a dois alunos. O docente estava preparado para responder a todas as questões que surgissem sobre a reportagem: que temas vão ser abordados na reunião, que perguntas devem ser feitas e a quem, que critérios de notícia devem prevalecer ou que imagens recolher para ilustrar a reportagem. Havia resposta pronta para tudo menos para a pergunta “o que é um vereador?”.

Com o desenrolar da conversa rapidamente se chega à conclusão que por detrás da pergunta do vereador havia uma ausência total de conhecimento sobre o funcionamento da democracia em Portugal. Como funciona um executivo autárquico ou como se elegem os deputados para a Assembleia da República, foram perguntas para as quais poucos, muito poucos alunos tinham resposta e nem sempre certa.

A aula que tinha por sumário técnicas de reportagem tornou-se uma aula de cidadania para alunos com 21 anos a poucos meses de verem abertas as portas das redações, um pouco por todo o país, para um estágio curricular imposto pelas regras da licenciatura.

A situação relatada, por si só, pode parecer preocupante para alguns de nós, mas ela é apenas a ponta de um *iceberg* muito maior e muito mais perigoso. Alunos de comunicação social que trocam os nomes do Presidente da República com o do Primeiro-ministro do seu próprio país, ou alunos que não sabem quem são alguns dos ministros mais mediáticos de um governo, podem ser experiências recorrentes para um professor de jornalismo. A explicação tem tanto de simples, como de obtusa. A falta de conhecimento nestas e noutras matérias deve-se em grande medida ao facto de a generalidade dos aspirantes a jornalistas não gostar de notícias.

Por estranho que possa parecer, à primeira vista, a maioria dos alunos de comunicação social não lê jornais, não ouve noticiários na rádio e não vê os blocos informativos das televisões. Tão pouco acompanham os *sites* de notícias na internet. O pouco conhecimento da atualidade que se constata provém das redes sociais, local onde a informação é posta a circular de forma anárquica, sem qualquer critério ou rigor jornalístico.

Como se tudo isto não fosse suficiente para duvidarmos das capacidades da próxima geração de jornalistas, há um terceiro fator que nos remete ao mais básico da formação de qualquer aluno, independentemente da área científica que esteja a frequentar. O domínio da língua portuguesa é claramente insuficiente sobretudo quando estamos a referir-nos a estudantes que escolheram a comunicação como instrumento básico para o seu futuro profissional.

Os erros ortográficos seriam, por si só, suficientemente graves para nos levar a uma reflexão sobre este ponto, mas a constatação de que muitos alunos, a generalidade deles sem dúvida, não sabem sequer construir uma frase com sujeito e predicado, parece indicador de que o tema merece mais do que preocupação. Isso mesmo é visível nos

exames escritos onde os critérios de avaliação, se levados à letra, podem levar à reprovação de mais de 90% dos alunos.

Relato apenas um caso que poderá ajudar à compreensão desta problemática. Uma aluna passou a todas as disciplinas, menos à de Meios e Produção Jornalística. Chumbou na época normal, no primeiro e no segundo exame. Perante o risco de ficar mais um ano na faculdade apenas com uma disciplina decidiu perguntar ao professor o que tinha de fazer para ter nota positiva nesta disciplina. “Tens de fazer duas coisas: saber a matéria e, tão ou mais importante, aprender a escrever português”- respondeu o professor.

A aluna ficou impávida mas ainda respondeu: “como é que faço isso?”. A resposta havia de surgir dias depois e foi dada pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria. Excecionalmente, a aluna em causa poderia estagiar de Setembro a Dezembro, mês do próximo exame, no jornal Diário de Leiria³⁸. Durante esses meses teria oportunidade de escrever notícias e isso facilitaria, em princípio, o estudo para a cadeira de Meios e Produção Jornalística.

No primeiro dia de estágio, a aluna apareceu e foi incumbida da tarefa de, durante uma semana, escrever diariamente um artigo de mil caracteres sobre a semana académica do Instituto Politécnico de Leiria. O assunto seria seguramente do seu interesse e permitia-lhe o acompanhamento de jornalistas com vários anos de profissão, que a poderiam ajudar não só a ter nota positiva na disciplina em falta, mas também a ter alguma perspetiva de futuro.

A aluna em causa escreveu um artigo, que enviou por *email*. Não voltou a comparecer no jornal e não deu qualquer satisfação, nem aos responsáveis da escola nem aos jornalistas que a acolheram. Voltaremos a este caso mais à frente.

Exemplos como este levam-nos a questionar muito mais do que apenas a estrutura curricular de uma licenciatura. A questão é complexa e merece uma reflexão profunda de várias entidades, a começar pelos pais, passando pelos alunos e professores, e a terminar nos responsáveis pela política de ensino em Portugal.

Partindo do princípio que este não é o fórum próprio para fazer esse debate, permanece, ainda assim, uma questão que merece ser assinalada: Porque escolheram estes alunos a área de comunicação social?

A experiência, neste caso, mostra que a pergunta tem tanto de sensata como de inútil porque, verdadeiramente, esse quase nunca é o verdadeiro problema. Os alunos que escolheram o ramo da comunicação - queiram ser jornalistas ou outra coisa qualquer ligada a esta área e que não acompanham a atualidade, não conhecem a realidade do país e do mundo que os rodeia, nem tão pouco dominam a própria língua - fizeram quase sempre uma escolha aleatória.

³⁸ O Diário de Leiria é o único jornal diário da região de Leiria.

As respostas que se encontram a esta questão nas salas de aula são as mais diversificadas e quase nunca as certas. Porque não gosto de matemática, porque gostava de aparecer na televisão, porque me disseram que tinha jeito, porque gostava de experimentar ou, no limite, porque tinha de escolher alguma coisa e escolhi este curso.

O resultado desta combinação é quase sempre desastroso, como se comprovará mais à frente.

Como notas finais deste capítulo importa realçar alguns aspetos. Felizmente há exceções aos casos relatados, mas, essas exceções, só ajudam a confirmar a regra. Um dos critérios de avaliação, em qualquer curso, que pode e deve ser considerado relevante é o do empenho e dedicação. Quando estas duas componentes existem num aluno, a apreensão da matéria fica mais facilitada e a probabilidade de estarmos perante um projeto de futuro é maior.

Não são de somenos importância as chamadas competências inatas. A curiosidade, por exemplo, é uma característica fundamental num jornalista e, por norma, ou existe ou não existe. Não se ensina ninguém a ser curioso, quanto muito ensina-se que essa é uma ferramenta muito útil nesta profissão.

Mas, quando estamos perante alguém que não tem a mínima motivação para aquilo que lhe está a ser ensinado, que no seu dia-a-dia está completamente desligado da realidade da área que escolheu e que nem sequer a língua mãe domina, tudo se complica.

A missão de um professor é ensinar, independentemente das circunstâncias, dos alunos ou da realidade do país. A problemática em torno da nova geração de jornalistas - os que conseguirem ser de facto jornalistas - só se coloca ao nível dos professores quando a competência dos mesmos merecer ser questionada, mas neste particular, esta tese é tão válida para os cursos de Comunicação Social, como para qualquer outro curso ou grau de ensino.

O problema é, de facto, muito mais vasto e de cada vez mais difícil resolução. Enquanto não for resolvido, o país está a formar muitos jornalistas incapazes e desqualificados, que poucas redações conseguirão absorver. O que o contexto económico não conseguir explicar, a impreparação desses aspirantes a jornalistas explicará.

Vale a pena considerar ainda os que conseguem uma porta de entrada no mercado de trabalho, uns de forma mais merecida do que outros, como em quase todas as áreas. Os impreparados estarão a prestar um mau serviço ao jornalismo, às empresas que representam e ao país. Valem-nos os que, por mérito próprio, e, sobretudo, por paixão a esta arte, acabam por tornar-se grandes profissionais.

4.3 – O acesso à profissão de jornalista

Ao contrário de outras profissões, como a advocacia, a engenharia ou a medicina, o jornalismo não tem qualquer filtro no acesso a uma redação, além do critério próprio de cada órgão de comunicação social, que dá ou não o aval para que seja emitida a carteira profissional. A discussão sobre este tema é antiga, mas dela nunca resultou, até hoje, qualquer resultado palpável, provavelmente por culpa da própria classe jornalística.

Fernando Cascais (2008) levanta outra questão, não menos pertinente. Como “profissão”, o jornalismo oscila entre aspirar a um estatuto semelhante a outras ou assumir a diferença. (...) O jornalista pode não ter “credenciação específica” para a profissão, ao contrário daqueles – médicos, advogados ou engenheiros – pois muitos efetuaram a aprendizagem profissional na “tarimba” da redação. A dificuldade reside na definição de um corpo coerente e reconhecido de saberes, uma vez que a formação específica para o jornalismo se inscreve em “modelos pluridisciplinares” e os saberes inerentes à polivalência e diversidade, características da profissão, estão “longe de possuir a coerência de formações baseadas em disciplinas como o direito ou a medicina”.

Se é verdade que, em alguns casos, a “tarimba” da redação já formou excelentes jornalistas, noutros, diga-se, falhou redondamente nessa tarefa. Mas é igualmente verdade, que a formação superior nem sempre serve de garantia à qualidade de um jornalista, bem pelo contrário.

Este ponto leva-nos à continuação do capítulo anterior, onde se analisou o nível dos alunos que frequentam os cursos de comunicação social e que aspiram, alguns deles, a ser jornalistas.

Numa redação, os jornalistas sénior têm muitas vezes a incumbência de acompanhar os estagiários. Durante seis meses, esses estagiários, têm a oportunidade de aprender, mas também de mostrar o potencial que têm, assumindo, claro, que é a sua vontade. A realidade é que muitas vezes não é.

Na redação da SIC, os estagiários começam, por norma, na agenda, passam pela secção *online* e seguem depois para uma editoria ou para a **pool**³⁹ de um jornal. A ideia é dar-lhes uma abrangência, tão grande quanto possível, do trabalho que se faz numa redação de televisão.

O acompanhamento de jornalistas, faz parte do procedimento habitual. Como se de uma aula ao vivo se tratasse, o estagiário tem oportunidade de observar, fazer perguntas quando tem dúvidas, praticar a escrita televisiva e a edição de reportagens,

³⁹ *Pool* é a designação para um conjunto de jornalistas que não tratam apenas uma área específica mas trabalham em vários temas do dia, dependendo da atualidade.

que não sendo para emitir, permitem um treino diário que complemente, ou em alguns casos, preencha o vazio deixado pela universidade.

Uma das primeiras lacunas com os jornalistas da SIC se deparam quando têm um estagiário a acompanhá-los, tem a ver com o domínio da atualidade. Frequentemente os estagiários não sabem que notícias marcam o dia informativo, quem são os protagonistas dessas notícias e muitos não parecem muito preocupados com isso.

Por caricato que possa parecer, imaginemos a seguinte situação. O jornalista e o estagiário seguem para a conferência de imprensa do governo, onde o assunto dominante tem a ver com o secretário de Estado do Tesouro, Joaquim Pais Jorge. Há pelo menos quatro dias que as notícias sobre os contratos que o Secretário de Estado tentou vender ao Governo de José Sócrates são abertura dos principais telejornais, têm desenvolvimentos nos noticiários das rádios e fazem as manchetes de quase todos os jornais de distribuição nacional em Portugal.

De regresso à redação, depois da conferência de imprensa o jornalista sugere ao estagiário que tente estruturar um texto para televisão sobre esta matéria. “Mas eu não sei se consigo” - Responde o estagiário. “Não sabes se consegues escrever um texto para televisão ou não sabes se consegues escrever sobre este assunto?” - Questiona o jornalista. “Sobre este assunto. Eu não sei nada sobre isto” - Responde o estagiário. “Sabes quem é o Joaquim Pais Jorge?” - Volta a inquirir o jornalista. “Não” - Responde o estagiário. “Como ‘não’ se o assunto está há quatro dias no topo da atualidade” - Reage o jornalista, sem querer acreditar no que ouvia. “Eu não vi televisão nos últimos dias” - Remata o estagiário.

A conversa prolongou-se por mais alguns minutos, sem resultado prático porque, dava-se o caso, o estagiário que não via televisão há uns dias, também não ouviu nenhum noticiário na rádio, não leu um único jornal e nem o computador com acesso ilimitado à internet que a SIC lhe disponibiliza durante seis meses, foi tentador o suficiente para que ele tentasse manter-se informado.

O desconhecimento da atualidade leva-nos à segunda grande lacuna que se deteta na esmagadora maioria dos estagiários. A falta de cultura geral. Regressemos à aluna mencionada no capítulo anterior, a tal que no último ano do curso de comunicação social não sabia construir uma frase em português.

Um ano depois, a aluna acabou por conseguir uma positiva tangente na disciplina que lhe faltava. O passo seguinte foi inscrever-se numa pós-graduação onde o dinheiro parece ser o único critério de acesso, com direito a um estágio na SIC.

Ignoremos, neste momento, a questão de saber se esta aluna devia ou não ter escolhido comunicação social, se merecia ter aprovação em todos os ciclos escolares por onde passou e até, no limite, se a responsabilidade pelas lacunas que demonstrou lhe deve ser imputada a ela ou a outros. Deixemos todas estas questões para trás e foquemo-nos no resultado final.

Ao fim de várias semanas de estágio, foi-lhe solicitada uma notícia breve sobre a chanceler alemã, *Angela Merkel*. A primeira pergunta da estagiária foi: “quem é essa?”.

Esta pequena história serve para demonstrar o seguinte: pior do que não ter cultura geral e não acompanhar a atualidade é não ter noção do que se pergunta, o que por sua vez faz com que não se tenha noção do embaraço e não se pondere sequer a possibilidade de pesquisar.

Exemplos como estes podem e devem obrigar a uma reflexão profunda sobre o estudo do jornalismo e sobre o acesso à profissão. Adelino Gomes (2012), na citação que faz de José Luís Garcia, toca num aspeto essencial do problema. “Apesar de um largo conjunto de jornalistas portugueses apresentar um estatuto fragilizado que o aproxima da condição proletária, alguns dos seus segmentos – os setores dirigentes – foram ou integram uma camada privilegiada que hegemoniza o debate público, através da transfiguração da opinião publicada em opinião pública”.

Mais relevante do que perceber se o jornalismo constitui ou não o quarto poder, que tantos lhe atribuem, é compreender a importância que esta profissão tem numa sociedade e, sobretudo, a responsabilidade que encerra para quem a pratica.

Não são apenas as redações que perdem com a facilidade de acesso à profissão de jornalista e com a formação, mais ou menos deficiente, de quem chega para iniciar um estágio na perspetiva de um dia se assumir como jornalista de pleno direito. É a sociedade e a desinformação de que pode vir a ser alvo que sai penalizada, com consequências graves e que podem demorar mais do que uma geração a corrigir.

Os constrangimentos que o jornalismo sofre no século XXI são por demais conhecidos e evidentes até, para quem ligue a televisão, sintonize uma estação de rádio à hora do noticiário ou folheie as páginas de um jornal. A economia em permanente recessão ou estagnação, está a provocar uma morte lenta e agonizante aos órgãos de comunicação social, que sucumbem muitas vezes à tentação do facilitismo. A redução de despesas resulta muitas vezes numa informação que tem pouco para acrescentar de novo ao seu auditório. As pressões políticas e económicas ficam, por outro lado, com a porta escancarada perante a fragilidade de um jornalismo cada vez menos isento.

O jornalismo não precisa de mais constrangimentos, precisa, isso sim, de um grau de exigência maior, que não tem de ser incompatível com a necessária redução de custos. O investimento feito na formação de jornalistas precisa de ser repensado, e isso, não implica mais dinheiro, implica mais exigência no acesso ao ensino superior, mais critério na escolha dos programas curriculares e, porque não dizê-lo, mais rigor na escolha dos docentes.

Se existir esta base, o acesso à profissão precisará de menos filtro, mas tem, mesmo assim, de se adaptar. A criação de uma Ordem dos Jornalistas, ou de uma entidade semelhante, pode constituir-se como uma segunda linha que filtre os candidatos à profissão com potencial e os que, por qualquer motivo, não estão em condições de a exercer.

Uma redação pode e deve ajudar a formar futuros jornalistas, mas não pode e, seguramente, não tem capacidade para começar do zero.

A verdade, possível de constatar em vários órgãos de comunicação social, é que em muitos casos, a mediocridade, por ser barata, acaba por compensar. As dificuldades

económicas com que quase todas as empresas de comunicação social em Portugal se debatem levam muitas vezes à contratação de redações com base no salário e não com base na qualidade dos contratados.

Esses, que vão sobrevivendo apesar das claras lacunas que apresentam todos os dias no seu trabalho, são ainda assim “privilegiados” face a outros, que depois do estágio onde não demonstraram outra coisa que não ignorância, acabam muitas vezes por desistir da profissão. Alguns engrossam as estatísticas do desemprego jovem qualificado do Instituto Nacional de Estatística, outros ainda encontram empregos que estariam guardados para gente menos qualificada.

Mar de Fontcuberta (1999) descreve com uma simplicidade desconcertante que “ao jornalista começam a ser exigidos elevados graus de conhecimentos e uma formação básica e contínua”.

É nessa formação básica, tanto como na contínua, que a aposta deve ser feita. Caso contrário estaremos a formar uma geração de jornalistas que prestará um mau serviço à sociedade, ao país e a si própria.

CONCLUSÃO

Comunicar é uma arte e ser jornalista é um privilégio.

Eis a minha conceção da profissão.

Ser jornalista é ser curioso, é gostar de perguntar e de obter respostas, é assumir que um “não” está sempre garantido e é acreditar que a presunção é provavelmente o maior dos erros.

Ser jornalista é amar o desafio e procurá-lo todos os dias, é olhar para uma dificuldade e saber encontrar nela a motivação suficiente para a procura da solução.

Ser jornalista é a paixão de trabalhar no limite, o gozo do imprevisto e do imprevisto, é ser feliz com a diferença dos dias.

Ser jornalista é estar permanentemente ao serviço, 365 dias por ano, 24 horas por dia e nunca ignorar uma notícia apenas porque se está de férias ou de folga.

Ser jornalista é vibrar com a novidade e vibrar ainda mais com uma notícia de última hora. É correr com todas as forças para se ser o primeiro a contar ao mundo o que sabemos, sorrir quando o conseguimos e sentir revolta quando falhamos.

Ser jornalista é sentir as pernas estremecer quando estamos perante algo grandioso e uma tentativa constante de controlo das emoções, mesmo quando nos deixamos engolir por elas.

Ser jornalista é amar a palavra e fazer dela obra de arte.

Ser jornalista é sentir a honra e a responsabilidade de dar voz a uma notícia e ter consciência de que nunca se está verdadeiramente preparado para a consequência.

Ser jornalista é tudo isto e tudo o mais que não se explica, não se traduz por palavras, sente-se apenas em momentos muito específicos da profissão.

Considero-me um privilegiado. Ao longo dos últimos 15 anos de carreira - 10 dos quais com carteira profissional – esta profissão deu-me sempre mais do que eu lhe dei a ela. Aprendi muito, tive muitas experiências que não cabem neste relatório, conheci grandes profissionais e outros nem tanto. Aprendi sempre, mesmo com os piores.

Este relatório de atividade profissional é assim uma espécie de retrato breve dessa aprendizagem.

As ilações que tiro não são definitivas, porque não acredito na finitude da vida. Pretendo apenas contribuir para o debate em torno de uma profissão que amo e que não consigo conceber sem essa paixão.

O mundo muda todos os dias, a todas as horas, e a nós jornalistas, não resta outra opção que não seja mudar com ele. O jornalismo não é um fim em si mesmo, é um instrumento que, quando bem utilizado, pode ser muito útil à sociedade, mas que quando não é respeitado tem uma capacidade de destruição mais poderosa que muitas armas.

A profissão de jornalista, em Portugal, tem vindo a perder relevância ao longo dos anos. O estado débil da economia portuguesa deixa escancarada a porta da influência política e económica nos meios de comunicação social que vão, lentamente, assassinando a maior de todas as garantias: a liberdade do jornalismo.

Tem sido assim nos últimos anos. Consciente do poder que a comunicação social tem sobre a sociedade, o poder político tem feito de tudo para enfraquecer as empresas que trabalham neste ramo, pouco preocupado com os efeitos que esta atitude possa ter a longo prazo. A RTP será provavelmente o exemplo maior desta realidade, apesar do combate, muitas vezes inglório, dos profissionais que lá trabalham.

O futuro do jornalismo em Portugal está, em primeira instância, nas mãos dos jornalistas. É a eles (a nós), que cabe o principal papel na luta pela manutenção do rigor e independência da profissão. São os jornalistas que têm de se unir e lutar pela profissão que escolheram, fazer dela uma referência num país cada vez mais vazio de referências e, para isso, os jornalistas têm de começar por ser rigorosos com eles próprios.

Em primeiro lugar, os jornalistas devem assumir-se como uma corporação de profissionais, que lutam pelo interesse público e não apenas pelos seus próprios interesses. De nada serve uma associação ou uma Ordem de jornalistas que lute apenas por regalias, sem lutar primeiro pela sobrevivência da profissão.

Essa luta de classe deve ser feita de forma construtiva, próxima das escolas e das universidades e sempre pronta a defender perante o poder político, os superiores interesses da profissão e nunca os de qualquer direção.

A luta dos jornalistas deve passar por um acesso rigoroso à profissão, que deixe entrar apenas os melhores e não toda a gente, que não permita a atribuição de uma carteira profissional a todos mas apenas a alguns, até porque o mercado não tem lugar para todos.

Para os jornalistas poderem lutar dignamente por uma imprensa livre, eles têm de ser primeiro, dignos de serem jornalistas.

Mas esta luta não cabe apenas aos jornalistas, cabe também a uma classe política que não pode e não tem o direito de tentar colmatar as suas falhas manipulando a comunicação social. O poder político em Portugal deve compreender que tem tudo a ganhar com uma imprensa livre e isenta e que, pelo contrário, uma imprensa corrupta, dependente e subserviente, não permite disfarçar o essencial durante muito tempo.

Por último, cabe à sociedade ser também mais exigente com o jornalismo e, para isso, é preciso uma nova sociedade. Uma sociedade que premeie a excelência e recuse a mediocridade, uma sociedade mais atenta ao que a rodeia e menos ignorante e egoísta. Uma sociedade que pense pela sua própria cabeça e não pela cabeça dos outros.

Defendo claramente a criação de uma associação ou de uma ordem de jornalistas, que esteja acima dos sindicatos e que acabe de vez com a Comissão da Carteira Profissional de Jornalistas cuja principal competência é emitir e cobrar pelas carteiras profissionais, tarefa que executa de forma mais ou menos aleatória.

A experiência enquanto aluno, profissional e professor, sempre ligado ao jornalismo permite-me dar este pequeno contributo para um debate que já existiu, morreu e ainda está para voltar a nascer.

Sou jornalista por vontade própria e, quero acreditar, por vocação. Nunca me arrependi, até hoje, de ter escolhido este caminho e de o ter percorrido com todas as vicissitudes que ele tem.

Um grande profissional, enorme comunicador e um grande amigo, escreveu que “poderei um dia ter outra profissão, mas será impossível amá-la como amo esta”. À frase do Luís Costa Ribas (2012) acrescento apenas que não sei se serei jornalista para sempre, mas tenho a certeza de que nunca deixarei de comunicar e de procurar todos os dias novas formas de o fazer.

BIBLIOGRAFIA

BUSTAMANTE, Enrique. A economia da televisão: as estratégias de gestão de um média. Trad. Lígia Calapez. Porto: Campo das Letras, 2003. P. 26. ISBN: 972-610-749-0

CASCAIS, Fernando. Ensino do Jornalismo em Portugal. História de um fracasso dos jornalistas. In **Um século de ensino do jornalismo**. Centro de Investigação Media&jornalismo, 2008. P. 55 a 73. ISSN: 1645-5681

CORREIA, Fernando. **Jornalismo, grupos económicos e democracia**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006. P. 13 a 16. ISBN: 972-21-1765-3

FONTCUBERTA, Mar de. **A Notícia: pistas para compreender o mundo**. Trad. Fernando Cascais. Lisboa, Editorial notícias, 1999. P. 101. ISBN: 972-46-0977-4

GOMES, Adelino. **Nos Bastidores dos Telejornais: RTP1, SIC e TVI**. Lisboa, Edições Tinta-da-china, 2012. P. 44. ISBN: 978-989-671-135-1

MEYER, Michel. **Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução**. Trad. António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007. Título original: *Questions de Rhétorique*. P. 17. ISBN: 978-972-44-1429-4

PALMER, Richard E.. **Hermenêutica**. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969. Título original: *Hermeneutics – Interpretation Theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger and Gadamer*. P. 100. ISBN: 972-44-0340-8

RIBAS, Luís Costa. É nas trevas que se encontra a luz. In **Histórias de uma revolução: SIC 20 anos, os bastidores da informação**. Lisboa: Guerra e Paz, 2012. P. 141 a143. ISBN: 978-989-702-055-1

BIBLIOGRAFIA ONLINE

<http://videos.sapo.pt/5lrMSR1yjW5uk3aMQf50>

<http://videos.sapo.pt/oRpTnJsYgALzko5zyTol>

http://www.sic.aeiou.pt/online/noticias/sic+tv/perdidos+e+achados/20070608_Luta+vidreira.htm

http://www.youtube.com/watch?v=v_ca4mwN8x0

<http://rd3.videos.sapo.pt/UCywCiJz0Jv4sEj4kRVz>

<http://videos.sapo.pt/0sMpHAtmKY5HG7AcsLhd>

http://www.youtube.com/watch?v=bRH-_ZZQ1Ng

<http://www.youtube.com/watch?v=b2nu1BjfPPU>

http://www.youtube.com/watch?v=VMKa_xpZaz4

<http://www.youtube.com/watch?v=omG93B33uNk>

<http://www.youtube.com/watch?v=cmxA7u9jatI>

<http://www.youtube.com/watch?v=edTdqhtaagg>

<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/quemdiria/>